



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

SÂMIA ARAÚJO DOS SANTOS

RECURSOS METADISCURSIVOS DE INTERAÇÃO EM SEQUÊNCIA NARRATIVA

Fortaleza

2011

SÂMIA ARAÚJO DOS SANTOS

RECURSOS METADISCURSIVOS DE INTERAÇÃO EM SEQUÊNCIA NARRATIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Linha de pesquisa: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

FORTALEZA

2011

S238r Santos, Sâmia Araújo dos
Recursos metadiscursivos de interação em sequência narrativa / Sâmia
Araújo dos Santos. – 2011.
124 f.: il., enc.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante
Área de concentração: Linguística
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

1. Análise do discurso narrativo 2. Análise da interação na educação I.
Cavalcante, Mônica Magalhães (Orient.) II. Universidade Federal do Ceará –
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título

CDD 401.41

SÂMIA ARAÚJO DOS SANTOS

RECURSOS METADISCURSIVOS DE INTERAÇÃO EM SEQUÊNCIA NARRATIVA

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Sâmia Araújo dos Santos

Sâmia Araújo dos Santos

Banca Examinadora

Mônica Magalhães Cavalcante

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante – (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho

Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Maria Margarete Fernandes de Sousa

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa
Universidade Federal do Ceará – UFC

Dissertação defendida e aprovada em 31/05/2011.

Aos meus amores incondicionais: Valdíra (minha mãe), Io (minha segunda mãe, in memoriam) e Amor, Gíl (companheiro de sempre).

Agradecimentos

A Deus e a todos os meus familiares que são a base sólida do meu caminhar e das minhas crenças do fazer o bem na caminhada da vida. À minha orientadora-amiga, Mônica Magalhães Cavalcante, por fazer com que o meu sonho se realize com tanta lucidez e carinho.

Aos meus amigos e amigas, responsáveis por deixar o meu cotidiano mais leve.

Ao Riva, pelo carinho de irmão.

Aos companheiros de todas as horas, Elba e Cláudio, mais do que amigos, irmãos de sonhos e de realizações.

À área de Língua Portuguesa do Colégio Santa Cecília, significado de aprendizagem constante no fazer pedagógico e linguístico.

*Às religiosas do Instituto Damas da Instrução Cristã, Colégio Santa Cecília, em especial Ir. Eulália, Ir. Ana Margarida e Ir. Elda, por serem responsáveis diretas na realização de um fazer pedagógico *duc in altum*.*

À equipe de serviços, aos educadores e ao setor administrativo do Colégio Santa Cecília.

Aos meus alunos, fábrica de sonhos e peças fundamentais para a minha realização profissional.

Aos professores do PPGD da Universidade Federal do Ceará responsáveis pela minha formação no caminhar linguístico e humano.

Aos professores Pedro Praxedes Filho, Margarete Sousa e Emília Farias, pelas valiosas contribuições a esta pesquisa.

À profa. Ana Célia Moura, por nos fazer acreditar que a docência é o melhor lugar para se estar.

Aos amigos e amigas da turma de 2009 do PPGT-UFC de mestrado e de doutorado, em especial Tarciclê, Juliana Geórgia, Dulcílene, Franklin e Suelene.

Ao casal, Ítalo e Tarciclê, hoje amigos de caminhada não só acadêmica, mas também de vida.

Às minhas queridas amigas e seus familiares, Suelene, Leticia Adriana e Hildenize, pela força de todas as horas e por serem incentivadoras deste sonho.

Aos amigos do Protexto, que fazem ciência com tanta maestria e sensibilidade.

À minha amiga querida Mariza, pela sua garra e determinação, sinônimo de força sobre-humana.

À Ednusia, pela disponibilidade em me ceder seu valioso arquivo sobre metadiscorso

Ao querido Antenor, por ser uma pessoa ímpar no universo amigo.

À Antônia e ao Eduardo, pelos seus serviços na coordenação de nosso curso.

À Seduc, por acreditar que seus educadores devem estar em processo de formação continuada e por ter me liberado de minhas funções para a realização deste curso.

À Capes, pela concessão dos recursos financeiros por seis meses.

Resumo

Os estudos sobre os recursos metadiscursivos de interação, em sua grande maioria, versam sobre os gêneros do discurso acadêmico. Partindo do pressuposto de que esse fenômeno é constituinte de qualquer texto, propomos em nossa pesquisa investigar a manifestação dos recursos metadiscursivos de interação na perspectiva das macrocategorias de engajamento e de posicionamento em textos de sequência narrativa. Para o alcance deste objetivo, fundamentamo-nos na base teórica de Hyland (2005) para o conceito de metadiscorso e em sua classificação das macrocategorias; e em Adam (2008) para as macrounidades da organização composicional de um texto com ênfase na sequência narrativa. Discutimos, ainda, brevemente, os processos referenciais de anáfora, introdução referencial e dêixis, que se sobrepõem aos recursos metadiscursivos de interação. A partir de um *corpus* de 16 textos com sequência narrativa dominante, constatamos a presença recorrente dos recursos metadiscursivos de interação. Isso nos permitiu concluir que o fenômeno do metadiscorso também se manifesta nos textos narrativos através das macrocategorias de posicionamento e de engajamento, apresentando-se de forma bastante específica e de forma sobreposta nas macrocategorias analisadas.

(174 palavras)

Palavras-chave: recursos metadiscursivos; interação; sequência narrativa

Abstract

Most of the studies on the interaction type of metadiscursive resources have investigated the academic-discourse related genres. Based upon the assumption that the metadiscursive phenomenon is present in any text, we carried out an investigation aimed at studying the realization of the interaction type of metadiscursive resources in narrative sequenced texts under the viewpoint of the engagement and stance macro-categories. In order to achieve this objective, we resorted, theoretically speaking, to Hyland (2005) for the concept of metadiscourse and his classification of the macro-categories and to Adam (2008) for the micro-units that make up the compositional organization of a text that is mostly narrative sequenced. We also briefly discussed the occurrences of the referential processes of anaphora, referential introduction, as well as deixis as they conflate with the interaction type of metadiscursive resources. The corpus is composed of 16 texts with a dominant narrative sequence. We found that the interaction type of metadiscursive resources occur recurrently in such texts. This led us to the conclusion that the metadiscourse phenomenon is also present in narrative texts by way of the macro-categories of engagement and stance in a very peculiar manner. It was observed that the analyzed macro-categories may conflate.

(198 words)

Key words: metadiscursive resources; interaction; narrative sequence.

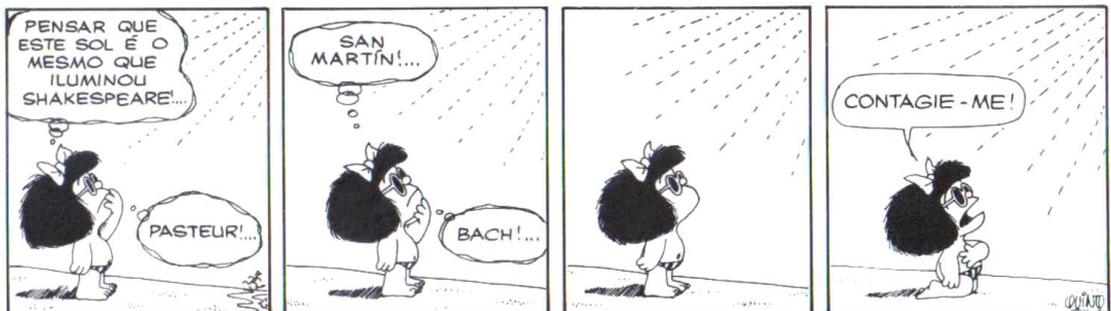
Lista de Figuras e de Quadros

Figura 1: Metadiscorso textual em textos acadêmicos (Hyland, 1998, p. 442)	21
Figura 2: Metadiscorso interpessoal em textos acadêmicos (Hyland, 1998, p. 442) ...	22
Figura 3: Proposta de classificação dos atenuadores e intensificadores de Cabrera (2004).....	24
Figura 4: Modelo de Hyland Fonte: Hyland (2005a, p.177).....	27
Figura 5: Recursos metadiscursivos de posicionamento e de engajamento nos artigos científicos (HYLAND, 2005a, p.186).....	33
Figura 6: Recursos metadiscursivos de posicionamento e de engajamento por disciplina (por 1000) (HYLAND, 2005a, p. 187)	34
Figura 7: Esquema de Adam (ADAM, 2008, p. 228)	46
Figura 8: Esquema da sequência narrativa (ADAM, 1992, p.57)	47
Figura 9: Cavalcante (no prelo, p. 38).....	54
Figura 10: Cavalcante (no prelo, p.55)	56
Quadro 1: Modelo do quadro específico dos recursos de interação de posicionamento de Hyland (2005).....	62
Quadro 2: Modelo do quadro específico dos recursos metadiscursivos de interação de engajamento de Hyland (2005)	62
Quadro 3: Modelo do quadro específico de posicionamento nas fases da sequência narrativa	62
Quadro 4: Modelo do quadro específico de engajamento nas fases da sequência narrativa	63
Quadro 5: Modelo de referenciação de Cavalcante (2003).....	64
Quadro 6: Modelo de referenciação para o conto	68
Quadro 7: Modelo de referenciação para a anedota	72
Quadro 8: Modelo de referenciação para a fábula	75
Quadro 9: Modelo de referenciação para a lenda	80

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. ENRELAÇANDO TEORIAS: RECURSOS METADISCURSIVOS, SEQUÊNCIA E REFERÊNCIAÇÃO	17
2.1 Recursos Metadiscursivos: conhecendo o percurso da teoria e a conceituação	18
2.1.1 Recursos metadiscursivos textual e interpessoal – proposta de 1998	20
2.1.2 Atenuadores e intensificadores na perspectiva de Cabrera	23
2.1.3 Nova proposta classificatória de Hyland (2005)	25
2.1.3.1 Interação: posicionamento (stance) e engajamento (engagement).....	26
2.2 Sequências textuais	35
2.2.1 Sequências textuais ou tipos textuais?.....	40
2.2.2 Classificação das sequências	42
2.2.3 Sequência narrativa	44
2.3 Processos referenciais	49
2.3.1 Classificação dos processos referenciais	52
3 VELHOS SABERES, NOVOS FAZERES	59
3.1 Procedimentos metodológicos	59
3.2 Métodos de abordagem	59
3.3 Corpus e procedimentos de análise dos dados.....	60
3.4 Resultados da análise dos textos e discussão	64
3.5 Discussão dos resultados.....	81
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

5.1 Fontes de pesquisa	96
5.2 Fontes do <i>corpus</i>	100
6. ANEXOS	101
6.1 Contos	102
6.2 Lendas.....	109
6.3 Fábulas.....	117
6.4 Aneotas	121



(Quino, 2003)

INTRODUÇÃO

A teoria metadiscursiva vem sendo desenvolvido em pesquisas cuja abordagem enfoca a estrutura do texto e a retórica textual. Crismore (1989) teve como escopo os textos especializados em livros didáticos de Estudos Sociais, e Hyland (2005a) investigou-a em textos acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento.

O interesse no fenômeno do metadiscorso nas pesquisas, em sua grande maioria, recai sobre os gêneros do discurso acadêmico. A centralização, ou a predominância, dos estudos metadiscursivos em apenas um tipo de discurso sobre os recursos nos inquietou e nos motivou a propor, como objetivo geral de nossa pesquisa, investigar a manifestação dos recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do posicionamento (*stance*)¹ e do engajamento² (*engagement*), do propostos por Hyland (2005b), em gêneros de sequência narrativa dominante (ADAM, 1992,2008,2009).

Na presente pesquisa, temos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever a ocorrência de como os recursos metadiscursivos de interação, tanto na perspectiva do engajamento quanto do posicionamento, comportam-se em textos de gêneros de sequência narrativa dominante – fábula, lenda, conto e anedota;
- Comparar os recursos metadiscursivos de interação, tanto na perspectiva do engajamento quanto na perspectiva do posicionamento, encontrados em gêneros de sequência narrativa dominante com os recursos metadiscursivos de interação, tanto na perspectiva do engajamento quanto na perspectiva do

¹Recurso metadiscursivo de interação que diz respeito a como o escritor se apresenta e se compromete por meio de julgamentos e opiniões.

² Recurso metadiscursivo de interação que se relaciona ao modo pelo qual o escritor reconhece a presença do leitor, conduzindo-o através de sua argumentação, tendo em vista a interação.

posicionamento, encontrados em textos escritos com sequência argumentativa pertencentes aos gêneros acadêmicos, mais especificamente aos artigos científicos e a pesquisa desenvolvida por Hyland (2005b);

- Refletir sobre a proposta classificatória de Hyland (2005b)³, tendo por base os resultados da descrição em textos de sequência narrativa dominante.

Pesquisas em âmbito internacional e nacional foram desenvolvidas, utilizando os recursos metadiscursivos textual e interacional. Cabrera (2004) analisou a comparação de artigos biomédicos em inglês/espanhol com o objetivo de identificar, de descrever e de explicar as principais semelhanças e diferenças entre as retóricas de ambas as línguas. Sua investigação deteve-se nas marcas dos atenuadores e dos intensificadores e os denominou de marcadores assertivos na concepção do metadiscurso de interação.

Bernardino (2007) investigou os adjuntos modais – realizam um significado de avaliação epistêmica e de avaliação de valores – como marcadores de interação presentes em artigos acadêmicos na área de Linguística em língua portuguesa de três categorias: experimentais, teóricos e de revisão de literatura. A pesquisadora também aponta que o gênero, de maneira geral, é um espaço significativo de interação, pois é ele quem irá determinar a forma de interação com o leitor - afirmação por nós também defendida.

Faria (2009) constatou, em redações escolares, o emprego dos recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do engajamento e do posicionamento em textos de sequência opinativa. A reboque disso, a autora também verificou a presença de expressões referenciais. Concluiu que há sobreposições entre os recursos metadiscursivos de posicionamento e de engajamento.

Encontrada a lacuna da teoria dos pesquisadores que se dedicam a investigar os recursos metadiscursivos, na maioria das pesquisas, em textos de sequência argumentativa e partindo do pressuposto de que todo texto é constituinte

³ O modelo de Hyland (2005b) está presente no capítulo Entrelaçando teorias: recursos metadiscursivos, sequência e referência.

de recursos metadiscursivos de interação, independente da sequência textual, partimos das questões de pesquisa a seguir:

- Na perspectiva de Hyland (2005b), com base no posicionamento e no engajamento, o fenômeno do metadiscurso se constitui em um modelo de discurso interpessoal. Como esse fenômeno ocorre em textos de sequência narrativa dominante descrita por Adam (2008), especificamente nos gêneros: conto, fábula, lenda e anedota?

- Tomando por base a proposta de Hyland (2005b) sobre os recursos metadiscursivos de interação em artigos acadêmicos, como se estabelece a comparação entre o uso de tais recursos metadiscursivos em sequência argumentativa e em sequência narrativa dominante (ADAM, 2008)?

- A pesquisa de Hyland (2005b) teve como propósito a investigação dos recursos metadiscursivos de interação em textos de sequência argumentativa, resultando em macrocategorias de engajamento e de posicionamento para os textos de artigos acadêmicos analisados. Quais as microcategorias dos recursos metadiscursivos de interação que se manifestam de forma bastante peculiar em textos de sequência narrativa dominante?

Este trabalho se organiza em dois capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

No primeiro capítulo, fazemos um apanhado teórico do histórico do metadiscurso e de seus principais pesquisadores que contribuíram para o desenvolvimento da teoria. Abordamos a perspectiva de Hyland (1998) dos recursos metadiscursivos textual e interpessoal, como também a sua nova proposta classificatória, (HYLAND, 2005a), com enfoque nos recursos metadiscursivos de interação e suas macrocategorias de posicionamento e de engajamento, confrontando os dados encontrados pelo pesquisador em artigos científicos com outros que ele obteve da análise de entrevistas com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Ainda no mesmo capítulo, comentamos a pesquisa de Cabrera (2004), que concentrou seu estudo nas microcategorias de atenuadores e de intensificadores com suas respectivas funções em textos acadêmicos. E, por fim, discutimos a organização composicional de um texto, as macrounidades de conteúdo das sequências textuais com ênfase na sequência narrativa, nosso objeto de investigação, e os processos referenciais que se sobrepõem aos recursos metadiscursivos.

No capítulo 2, promovemos o encontro entre as teorias do metadiscorso e da sequência narrativa com o objetivo de desenvolver um método de pesquisa que nos desse suporte para atingir os objetivos, responder as questões de pesquisa e verificar as hipóteses. Começamos o capítulo pelo procedimento metodológico de como a pesquisa se desenvolveu em relação ao método de abordagem, à delimitação do universo e à explicação do procedimento. Em seguida, partimos para a análise de textos na íntegra dos gêneros narrativos que fazem parte do nosso *corpus*⁴. Acrescentamos os processos referenciais em nossa análise, pois os dados foram revelando a sobreposição de expressões referenciais com os recursos metadiscursivos de interação. Passamos para a etapa de discussão dos resultados relativos ao nosso universo investigado, sintetizando as manifestações percebidas nos gêneros de sequência narrativa dominante para podermos chegar a reflexões sobre o uso de recursos metadiscursivos em textos narrativos, em cotejo com os dados obtidos por Hyland (2005b) com relação aos textos argumentativos em gêneros acadêmicos.

⁴ Nosso *corpus* é constituído de dezesseis textos distribuídos em quatro para cada gênero narrativo: fábula, conto, lenda e anedota.



(Quino, 2003)

ENTRELAÇANDO TEORIAS: RECURSOS METADISCURSIVOS, SEQUÊNCIA E REFERENCIAÇÃO

O presente capítulo trata do detalhamento dos estudos de teóricos que serviram de base para sustentar a nossa pesquisa. Nosso objetivo é fundamentar as escolhas metodológicas, a análise dos dados e a discussão dos resultados.

O capítulo se desenvolve a partir dos estudos que tratam dos recursos metadiscursivos de interação de posicionamento e de engajamento na perspectiva de Hyland (2005b). Comparamos esses recursos com placas de sinalização do trânsito, pois tanto as placas quanto os recursos metadiscursivos são responsáveis pela orientação. Esta é uma das nossas teorias de base que vai ancorar o desenvolvimento de nossa pesquisa. Apresentamos um percurso histórico desses recursos e suas perspectivas de acordo com a intenção de pesquisa de determinados teóricos/pesquisadores até chegarmos àquela em que iremos nos apoiar.

Em seguida, enfocamos a proposta de sequências de Adam (1992, 2008, 2009) com ênfase na sequência narrativa, pelos interesses específicos desta investigação. E finalizamos discutindo possíveis aspectos da referenciação relacionados aos recursos metadiscursivos.

2.1 Recursos metadiscursivos – conhecendo o percurso da teoria e a conceituação

A teoria que trata do fenômeno do metadiscorso, apesar de ter um pouco mais de duas décadas, vem sendo discutida, amplamente, tanto no discurso oral quanto no escrito. Em nosso trabalho, no entanto, nos detivemos apenas no seu uso na modalidade escrita.

A base teórica do metadiscorso é a proposta das metafunções da linguagem na perspectiva hallidayana: ideacional, interpessoal e textual. As duas últimas metafunções são os escopos fundamentais para o desenvolvimento da teoria do metadiscorso na perspectiva de Hyland, buscando em seus estudos como os escritores⁵ deixam no texto marcas para os seus leitores (HYLAND, 2005,a), como também passa a utilizar o termo interação ao invés de interpessoal.

Encontramos divergências na literatura sobre a origem do termo metadiscorso. Conforme Hyland (2005a), o termo metadiscorso foi cunhado por Zellig Harris, em 1959, com o objetivo de oferecer um caminho para o entendimento da linguagem em uso, tanto na língua escrita como na falada, na tentativa de guiar os interlocutores de um texto. Para Cabrera (2004), Joseph Williams é o pioneiro do metadiscorso, pois foi quem deu o nome à teoria que trata do fenômeno aqui abordado. Na sua obra Manual de Estilo (1981), Williams aborda um estágio embrionário da teoria, uma noção vaga, uma definição imprecisa abordando um estilo variado - uma escrita sobre a escrita que guia o leitor e informa sobre temas principais do discurso. Apesar dessa divergência não ser valiosa para o desenvolvimento da nossa pesquisa, acreditamos que Cabrera⁶ atribuiu a paternidade do termo a Joseph Williams, por estar mais próximo ao que de fato será pesquisado pelos autores que serão citados logo a seguir.

Análise do Discurso de orientação francesa, Linguística Aplicada, Linguística Textual são disciplinas que buscam na teoria sobre o metadiscorso inquietações possíveis de serem superadas, utilizando a perspectiva teórica subjacente aos pressupostos que cada uma defende. Nosso trabalho, ainda que se embase em estudos sobre metadiscorso da Linguística Aplicada – a pesquisa de Hyland se enquadra nessa linha de pesquisa, inscreve-se no programa teórico-metodológico da Linguística Textual. Dessa forma, adotamos em nossa pesquisa o conceito de texto em sua concepção interacional (dialógica) da língua, pois “passa a

⁵ Os termos escritor e leitor são usados por Hyland, porém a nossa opção é por enunciador e coenunciador; estes termos são adotados ao longo do trabalho à medida que fomos travando um diálogo com o coenunciador desta pesquisa e respeitamos a opção do autor quando estamos resenhando sobre a sua teoria.

⁶ No percurso deste capítulo, resenharemos sobre a pesquisa de Mendiluce Cabrera.

ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos.” (KOCH, 2008, p.19).

Como já citado no início desta seção, várias pesquisas tratam do fenômeno do metadiscurso. Na Linguística Aplicada, temos Crismore (1989) que postula o metadiscurso como a função de orientar o leitor e demarcar a presença do autor como seu posicionamento; dedicou a sua pesquisa aos estudos especializados em livros didáticos de Estudos Sociais e apresenta a mesma noção de metadiscurso de Vande Kopple (1985, p. 83), do “discurso sobre o discurso”. Os pesquisadores afirmam que o fenômeno do metadiscurso irá ajudar os leitores “a organizar, avaliar, classificar, interpretar” (ARAÚJO, 2003, p. 3) e compreender o discurso como o autor assim deseja.

A perspectiva do metadiscurso como forma de organização do texto partiu de Hyland para quem o “metadiscurso envolve aspectos do texto que explicitamente organizam o discurso escrito do ponto de vista do escritor, visando ao conteúdo do texto e ao leitor” (HYLAND, 1998, p. 451). Essa perspectiva advém das metafunções textual e interpessoal de Halliday *a priori* descritas. Hyland em 1998 desenvolve na teoria do metadiscurso categorias ligadas ao textual e à interação, e em sua pesquisa de 2005 debruça-se somente sobre a categoria de interação. E é nesta que recai o foco de nossa investigação em textos de sequência narrativa dominante.

Essa organização do discurso escrito determinado pelos recursos metadiscursivos é responsável em direcionar o leitor no entendimento e apreensão do conteúdo proposicional, dessa forma não se refere a um recurso estilístico independente adotado pelo escritor a qualquer momento. Para Hyland (1998), o uso do metadiscurso e suas formas de ocorrências estão intimamente ligados às normas e expectativas de uma determinada comunidade profissional e cultural. Como complementa Carvalho (2005):

Assim, cada comunidade profissional usa normas específicas em função da comunicação e do cenário comunicativos em que seus participantes estejam inseridos. Como exemplo, podemos citar um texto didático, enquanto manifestação da comunicação especializada especialista-iniciado, escrito em língua alemã, que apresentará determinadas marcas

metadiscursivas diferentes se comparadas a um texto em língua portuguesa do Brasil que faz parte do mesmo tipo de comunicação especializada.

Tendo como função facilitar a comunicação, marcar e sustentar a posição do autor e construir uma relação com o leitor, os recursos metadiscursos permitem que o escritor contribua para a construção do sentido do texto escrito e a construção de conhecimento em sua área. Por considerar que o coenunciador utiliza seu universo de conhecimento a fim de dar sentido ao que foi escrito, empregando os recursos metadiscursivos fornecidos pelo enunciador afirmamos que coenunciador e enunciador são participantes ativos na comunicação e constroem em parceria o texto, com o apoio do metadiscurso.

Apesar de não adotarmos a proposta das categorias dos recursos metadiscursivos textual e interpessoal de Hyland de 1998 em nossa pesquisa por privilegiar o aspecto textual com uma classificação formal de marcadores, acreditamos ser necessário e importante apresentá-la como trajetória para a nova classificação da concepção interacional a qual adotamos no presente estudo.

2.1.1 Recursos metadiscursivos textual e interpessoal – proposta de 1998

A partir dessa breve discussão sobre a trajetória histórica do metadiscurso, partiremos para a apresentação das classificações de Hyland, desde a inicial (1998) até a proposta pela qual optamos (2005a) nesta pesquisa.

Seus estudos sobre metadiscurso se fundaram na proposta de Crismore (1989). O autor modificou amplamente a classificação da autora com o objetivo de adequá-la aos seus propósitos: uma análise do discurso acadêmico aplicada ao ensino. Utilizou duas estratégias dos recursos metadiscursivos: a textual e a interpessoal. Seu *corpus* é composto de 28 artigos acadêmicos escritos em inglês, sendo sete artigos para as seguintes quatro disciplinas: Microbiologia, *Marketing*, Astrofísica e Linguística Aplicada. Os artigos acadêmicos foram retirados de revistas

relevantes no assunto e Hyland utilizou a categoria tema atual para selecionar seu *corpus*.

O metadiscorso textual para o autor “é usado para organizar a informação proposicional de maneira a torná-la coerente para sua audiência específica e apropriada para um dado propósito.” (1999, p. 07).

Conforme veremos na figura abaixo, os recursos metadiscursivos utilizados são voltados para os leitores, a audiência, pois é necessária uma orientação para que eles entendam os conteúdos proposicionais expressos em um possível não-entendimento e para conduzir a interpretação que se espera do leitor

CATEGORIA	FUNÇÃO	EXEMPLOS
METADISCURSO TEXTUAL		
Conector lógico	expressa relação semântica entre orações principais	além disso/ mas/ por conseguinte/ assim/ e
Marcadores de atos do discurso	referem-se a estágios do texto	finalmente/ repetindo/ Nosso objetivo aqui/ tentamos
Marcadores endofóricos	referem-se a informações de outras partes do texto	mencionado acima/ ver. Fig. 1/ tabela / abaixo
Marcadores de evidência	referem-se a fontes de informação de outros textos	de acordo com X/ Y, 1990/ W diz
Marcadores de reformulação	ajudam o leitor a compreender o conteúdo ideacional proposto no texto	ou seja/ por exemplo/ em outras palavra,

Figura 1: Metadiscorso textual em textos acadêmicos (Hyland, 1998, p. 442)

Podemos então afirmar que o metadiscorso textual ajuda a traçar o perfil da audiência do texto e revela a que contexto comunicativo ele pertence, o que denuncia a preocupação do enunciador com o seu coenunciador

Quanto ao metadiscorso interpessoal, observe-se a figura seguinte:

CATEGORIA	FUNÇÃO	EXEMPLOS
METADISCURSO INTERPESSOAL		
Marcadores de modalização	explicitam o compromisso do escritor	poderia/ talvez/ é possível/ cerca de
Marcadores enfáticos	ênfaticam com força/certeza a escrita do escritor	de fato/ definitivamente/ está claro/ obviamente
Marcadores de atitude	expressam a atitude do escritor em relação ao conteúdo	surpreendentemente/ concordo/ X afirma
Marcadores relacionais	constroem a relação com o leitor	francamente/ note que/ você pode ver
Marcadores pessoais	referem-se explicitamente ao escritor	eu/ meu/ nós/ nosso

Figura 2: Metadiscursos interpessoais em textos acadêmicos (Hyland, 1998, p. 442)

O metadiscursos interpessoal, segundo Hyland (1998), guia os leitores para a observação do modo como os escritores se projetam no texto em relação ao conteúdo proposicional. É uma categoria relacional, pois ajuda a construir uma relação de escritor-leitor dentro do texto e torna claras as atitudes do primeiro.

Temos, assim, uma perspectiva retórica no metadiscursos que é entendida como um compromisso social, pois é dessa forma que o escritor se projeta em seu texto, estabelecendo uma relação de persuasão e de orientação (CAVALCANTE e FARIA, 2010).

Podemos concluir que os recursos metadiscursivos textual e interpessoal descritos na proposta privilegiam a forma, por isso não a adotamos em nossa pesquisa, sendo nesta o alvo de investigação os aspectos textual-discursivos.

A maioria dos trabalhos sobre os recursos metadiscursivos até esse momento privilegia os aspectos da forma e quem traz à literatura uma nova proposta ligada aos aspectos da função é Cabrera (2004) em sua tese de doutorado, aproximando-se do que propomos em nossa pesquisa. O pesquisador optou apenas

por duas subcategorias do metadiscorso interpessoal: atenuadores e intensificadores.

2.1.2 Atenuadores e intensificadores da perspectiva de Cabrera

Cabrera (2004) utilizou, dentre outros autores, as pesquisa de Hyland (1998, 1999 e 2000). O autor analisou, na perspectiva contrastiva sob a ótica do metadiscorso interpessoal, em artigos científicos biomédicos em inglês/espanhol, as marcas de atenuação e de intensificação (*hedges e boosters* nos termos de Hyland) e as categorizou como marcadores assertivos. O autor entende essas marcas na perspectiva do metadiscorso como pragmático-retóricas e interpessoais. Obteve como resultado mais relevante que nas duas línguas, espanhol e inglês, os fatores atenuantes e os intensificadores orientam o leitor na interpretação do discurso, bem como equilibram a negociação do conhecimento acadêmico nesse processo de investigação científica.

Os recursos metadiscursivos atenuadores e intensificadores são definidos como estratégias retóricas persuasivas, sendo que a primeira indica a dúvida e a imprecisão. Já os intensificadores se opõem aos atenuadores e expressam a certeza, a convicção. O autor ressalta que esses marcadores, apesar de se oporem, se complementam ao mesmo tempo, como o autor afirma: “são duas faces da mesma moeda” (CABRERA, 2004, p. 77).

O pesquisador subcategorizou os atenuadores e os intensificadores para atender aos propósitos de sua investigação de como esses recursos metadiscursivos de atenuação e de intensificação estão presentes nos artigos biomédicos em inglês e em espanhol. Cabrera ressalta que a relevância de sua pesquisa reside no fato de essa investigação ser escassa em língua espanhola e de apresentar um contraste com a língua inglesa, idioma amplamente descrito em pesquisas que envolvem o metadiscorso.

A figura a seguir ilustra a proposta de Cabrera (2004):

MARCADORES ASSERTIVOS	
ATENUADORES	INTENSIFICADORES
EXPRESSÕES APROXIMATIVAS	EXPRESSÕES DE CERTEZA
EXPRESSÕES EPISTÊMICAS	EXPRESSÕES DE EMPIRISMO
EXPRESSÕES HIPOTÉTICAS	EXPRESSÕES DE NECESSIDADE OU OBRIGAÇÃO
LIMITAÇÕES DE INVESTIGAÇÃO	EXPRESSÕES DE IMPORTÂNCIA
EXPRESSÕES INDETERMINADAS	EXPRESSÕES DE GRAU MÁXIMO
DESPERSONIFICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	EXPRESSÕES DE GRAU ALTO
NEGAÇÃO DE INTENSIFICADORES	ENFATIZADORES

Figura 3: Proposta de classificação dos atenuadores e intensificadores de Cabrera (2004)

Cabrera conceituou cada subclassificação e o que podemos perceber é que os próprios termos cunhados pelo autor já aproximam os significados das microcategorias.

A proposta de pesquisador ilustra a tentativa dos recursos metadiscursivos apresentarem uma função discursiva em contraposição à perspectiva de Hyland (1998), porém não nos satisfaz a ponto de utilizarmos a sua classificação por defendermos a tese de que os recursos metadiscursivos são uma lista aberta e não podemos precisar se uma expressão irá atenuar ou intensificar, pois dependerá do contexto em que as formas são utilizadas. Porém, queremos destacar a importância da pesquisa em propor a função dos atenuadores e dos intensificadores, fazendo-nos refletir sobre os pontos desenvolvidos, vislumbrando outra perspectiva na nossa investigação.

A subseção seguinte trata sobre a nova proposta classificatória de Hyland a qual nos apoiamos a fim de tentarmos responder as nossas questões de pesquisa elencadas na Introdução deste trabalho.

2.1.3 Nova proposta classificatória de Hyland (2005)

Ao dar continuidade às suas pesquisas, Hyland sentiu a necessidade, a partir do metadiscorso interacional, de dar maior prioridade aos aspectos da interação, pois seu interesse maior era contribuir para o ensino da escrita de textos acadêmicos. Esta constatação já é anunciada, porém não aprofundada, pelo teórico nas discussões de sua pesquisa de 1998 quando afirma que há uma maior presença nos artigos acadêmicos investigados dos recursos metadiscursivos de interação. (HYLAND, 1998)

Como é afirmado pelo autor (HYLAND, 2005b), os textos acadêmicos, a partir da década de 90, estavam perdendo a sua marca de identidade no âmbito do discurso, pois se apresentavam de forma objetiva, sem face, impessoal. Esses textos estavam passando para uma situação representativa de ideias, de conceitos no meio acadêmico. Além disso, os escritores ofereciam aos seus leitores uma solidariedade e uma credibilidade dos argumentos expostos com a confirmação de que um texto acadêmico, para ser bem aceito em seu universo, necessita de um entendimento dos escritores com seus leitores e de uma linguagem capaz de “reconhecer, construir e negociar relações” (cf. HYLAND, 2005b, p. 175).

Os escritores, para serem persuasivos, precisam fazer escolhas retóricas que avaliam suas proposições e sua audiência (HYLAND, 2005b). Na escrita acadêmica, a persuasão é o que demonstra a autoridade do autor no assunto e a sua maneira de revelar aos seus leitores os argumentos expostos.

A interação na escrita acadêmica envolve um posicionamento dos escritores, que necessitam que se adotem suas questões discutidas, as quais devem corroborar opiniões da sua audiência e compartilhar de seus conhecimentos profissionais. Dessa forma, temos uma escrita acadêmica bem-sucedida, segundo Hyland (2005b).

Nesse processo de interação, salienta-se que o coenunciador pode refutar afirmações, gerando um papel de construtor de como os enunciadores edificam seus argumentos. Um enunciado bem-sucedido de pesquisa prevê as

respostas do coenunciador e coloca o enunciador dentro de situações de avaliação para os seus argumentos serem válidos e eficientes.

É com esse pressuposto que decidimos investigar em nossa pesquisa gêneros de sequência narrativa dominante – fábula, lenda, conto e anedota - para estabelecer um cotejo com as principais constatações a que chegaram Hyland e seguidores, quando se dedicaram à análise de textos de sequência argumentativa no gênero artigo acadêmico.

2.1.3.1 Interação: posicionamento (*stance*) e engajamento (*engagement*)

Com essa perspectiva na interação, Hyland (2005b) propôs o modelo que consolida o seu trabalho anterior (1998), com uma estrutura voltada para os recursos linguísticos do posicionamento e do engajamento intersubjetivo, na metadiscursividade. O autor continua sua pesquisa voltando-se para o discurso acadêmico em diferentes áreas do conhecimento: engenharia mecânica, engenharia elétrica, publicidade e propaganda, filosofia, sociologia, linguística aplicada, física e microbiologia.

Em sua obra *Metadiscourse* (2005b), o autor dedica-se ao percurso em que as pesquisas no assunto foram desenvolvidas inclusive as suas. É mais precisamente no capítulo 7, *Metadisocurse and community*, que a macrocategoria de engajamento é definida com mais precisão e são explicitadas as microcategorias. Com o objetivo de direcionar a atenção de sua pesquisa para as macrocategorias de engajamento e de posicionamento, publica anteriormente o artigo *Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse*(2005b) o qual a nossa pesquisa se sustenta.

O esquema da interação do metadiscorso interpessoal proposto por Hyland (2005a) é representado na figura a seguir:

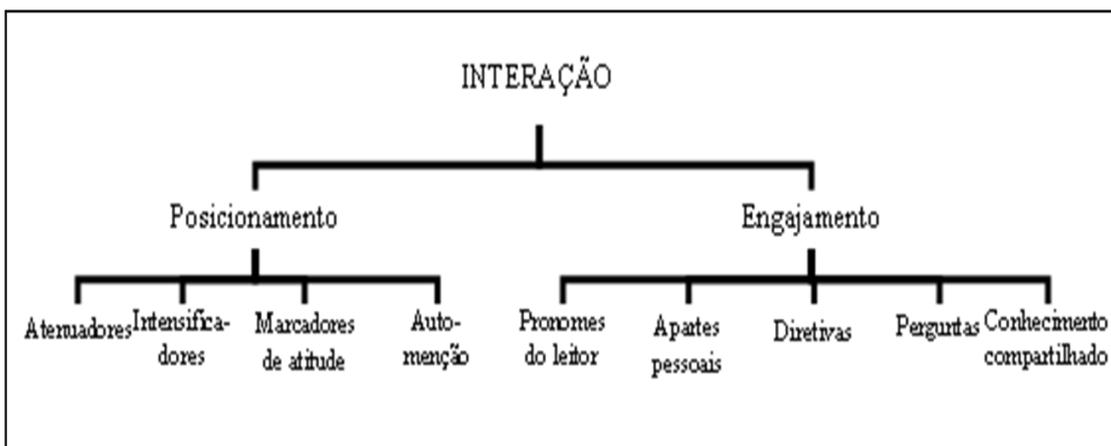


Figura 4: Modelo de Hyland Fonte: Hyland (2005b, p.177)

É com esse arcabouço que Hyland oferece uma estrutura para analisar os recursos linguísticos do posicionamento intersubjetivo do ponto de vista retórico, posto no artigo mencionado, o qual delineamos em nossa investigação em textos de sequência narrativa dominante.

Há uma diferença substancial da proposta de Hyland de 1998 para a de 2005 em relação ao metadiscorso interpessoal. Enquanto na primeira são apresentadas cinco categorias para o fenômeno (marcadores de modalização, marcadores enfáticos, marcadores de atitude, marcadores relacionais e marcadores pessoais), na segunda o teórico amplia seu modelo com as categorias interativa⁷ (*interactive*) e interacional⁸ (*interactional*), baseado em Thompson e Thetela (1995 apud HYLAND, 2005b). Nesta última está inserida a categoria de engajamento, que passaria a ser uma macrocategoria do seu modelo de interação, quando ele transpõe as categorias do modelo interacional para o posicionamento, apresentando, assim, um novo modelo que chama de interação (figura 4).

⁷ Modelo interativo baseado em Thompson e Thetela (1995 apud HYLAND, 2005a)

Interativa: marcadores de transição, marcadores de ator do discurso, marcadores endofóricos, marcadores de evidência e marcadores de reformulação.

⁸ Modelo interacional baseado em Thompson e Thetela (1995 apud HYLAND, 2005a)

Interacional: atenuadores, intensificadores, marcadores de atitude, automenção, marcas de engajamento.

Para aprofundar-se sobre o assunto, ver capítulo 3 da obra *Metadiscourse*, de Hyland (2005a).

A macrocategoria de posicionamento expressa as atitudes do escritor, seus julgamentos, opiniões no discurso acadêmico e demarca a sua autoridade conceitual. Como microcategoria, encontramos os atenuadores que indicam como os escritores afirmam a impressão e a dúvida para dar certo grau de precisão aos seus argumentos. Vejamos exemplos do *corpus* de Hyland que demarca os atenuadores em negrito:

Exemplo 1:⁹ **Nossos resultados sugerem** que as taxas de congelamento e descongelamento rápidos durante experimentos artificiais em laboratório **podem** causar a formação artificial de embolismo. Tais experimentos podem não representar quantitativamente o embolismo que é formado no congelamento durante o inverno na natureza. No chaparral, **pelo menos**, os episódios de baixa temperatura **geralmente** resultam em eventos graduais de congelamento e descongelamento (HYLAND, 2005a, p. 179).¹⁰

Os atenuadores são microcategorias permanentes nas propostas de Hyland desde a proposta de 1998, perpassando pelos seus estudos até a de 2005 descrita nesta subseção devido à necessidade do enunciador em expressar a incerteza para demarcar uma certeza ao seu ponto de vista. Cabrera (2004) considera uma microcategoria valiosa e debruça-se ao longo de sua tese em elencar funções aos atenuadores como um dos objetivos de investigação de sua pesquisa por serem fundamentais para se entender a retórica da ciência, porém só faz sentido dentro de uma dimensão social da linguagem (CABRERA, 2004). Acreditamos na importância dos atenuadores não só em textos argumentativos, mas em textos de sequência narrativa cuja nossa pesquisa se desenvolve, porque há essa necessidade de o enunciador suavizar suas palavras e não parecer o seu modo de pensar tão imposto ao coenunciador.

⁹ Tradução livre dos exemplos de Hyland das microcategorias de posicionamento e de engajamento: Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, como também do abstract.

¹⁰ Exemplo 1: **Our results suggest** that rapid freeze and thaw rates during artificial experiments in the laboratory **may** cause artifactual formation of embolism. Such experiments may not quantitatively represent the amount of embolism that is formed during winter freezing in nature. In the chaparral **at least**, low temperature episodes **usually** result in gradual freeze-thaw events. (HYLAND, 2005b, p. 179).

Os intensificadores opõem-se aos atenuadores. São marcadores apelativos e expressam uma certeza, uma convicção do posicionamento do enunciador.

Exemplo 2: Isso nos põe em conflito com o relato de Currie dado que imagens estáticas não podem, **com certeza**, desencadear a nossa capacidade de reconhecer movimento. Se assim fosse, nós veríamos a imagem se movimentando por si mesma. Exceto em alguns poucos casos interessantes, **obviamente** não vemos uma imagem estática mover-se. Suponha que digamos, então, que as imagens estáticas só representam instantes. Isso também cria problema devido a sugerir que somos providos de capacidade de reconhecer instantes, o que parece **altamente** duvidoso (HYLAND, 2005a, p. 179).¹¹

Já os intensificadores aparecem como uma nova microcategoria. Na proposta sobre metadiscorso de 1998, ela não existia, mas em estudos publicados no mesmo ano¹² há uma investigação voltada para eles que expressam a determinação dos argumentos afirmativos ou negativos relevantes do enunciador. Essa microcategoria é também aprofundada por Cabrera (2004) que propõe funções para os intensificadores.

Os marcadores de atitude são responsáveis por indicar a atitude afetiva do escritor, gerando uma concordância, ou uma frustração, ou a atribuição de um grau maior de importância ao dito. O enunciador tem a necessidade de chamar o coenunciador para concordar com a tese defendida por ele no texto.

Exemplo 3: Essas variáveis referentes ao aprendiz **poderão mostrar-se como áreas promissoras** para pesquisas futuras (HYLAND, 2005a, p. 180).¹³

¹¹ Exemplo 2: This brings us into conflict with Currie's account, for static images **surely** cannot trigger our capacity to recognize movement. If that were so, we would see the image as itself moving. With a few interesting exceptions we **obviously** do not see a static image as moving. Suppose, then, that we say that static images only depict instants. This too creates problems, for it suggests that we have a recognitional capacity for instants, and this seems **highly** dubious. (HYLAND, 2005b, p. 179).

¹² Ver artigo: Boosting, hedging and the negotiation of academic knowledge.

¹³ Exemplo 3: These learner variables **should prove to be promising** areas for further research (HYLAND, 2005b, p. 180).

Há uma necessidade do enunciador, em alguns momentos de seu discurso, em promover uma parceria com o seu coenunciador, para isso utiliza a microcategoria marcador de atitude, pois demarca a sua argumentação, trazendo o coenunciador como seu aliado na argumentação. Essa parceria reforça os argumentos do enunciador e ao mesmo tempo em que há posicionamento também se demarca um engajamento do coenunciador para este concordar com os argumentos ditos, expressos.

A automenção indica a presença ou ausência de uma referência clara ao escritor do texto. É marcada pelos pronomes pessoais em primeira pessoa e pelos pronomes possessivos. O enunciador se projeta no texto para garantir do seu coenunciador uma respeitabilidade do argumento ali exposto, um argumento de autoridade.

Exemplo 4: Defendo que a abordagem deles é superficial porque, apesar das aparências, baseia-se somente em uma orientação sociológica, em oposição a uma orientação ética, para desenvolver uma resposta (HYLAND, 2005a, p. 181).¹⁴

O engajamento é uma categoria da interação em que o escritor reconhece a presença do leitor e invoca a atenção dele para seu discurso, minimizando ou destacando a presença de seus leitores no texto para atender as expectativas destes como parte integrante das discussões realizadas no decorrer do texto e orientando-os para interpretações particulares (HYLAND, 2005a). Hyland focalizou, a partir da proposta de Thompson e Thetela (1995, apud HYLAND, 2005a), as marcas de engajamento, ampliando-as e fazendo compor o seu modelo de interação como as macrocategorias de posicionamento e de engajamento conforme figura 4.

Os pronomes do leitor marcam a inclusão direta da audiência pelo uso de pronomes – nós, seu – e a trazem para dentro do texto, ou seja, é nessas marcas que há uma interação no discurso do enunciador com o coenunciador, fazendo este marcar sua presença no que está sendo dito mesmo podendo ter uma divergência do que está sendo dito pelo enunciador.

¹⁴ I argue that their treatment is superficial because, despite appearances, it relies solely on a sociological, as opposed to an ethical, orientation to develop a response (HYLAND, 2005b, p. 181)

Exemplo 5: Agora que **temos** uma teoria plausível de representação, **devemos** ser capazes de responder a pergunta sobre o que as imagens estáticas representam. Mas isso, no final das contas, não é, de forma alguma, um assunto simples. **Parece**, na verdade, **que estamos diante** de um dilema. Isso nos põe em conflito com o relato de Currie [...] (HYLAND, 2005a, p. 183).¹⁵

Os apartes pessoais são estratégias de orientação do leitor, pois o escritor irá expressar a sua vontade, fazendo interrupções no discurso para inserir comentários sobre seus argumentos, permitindo ao escritor responder a uma audiência ativa. São recursos que envolvem a participação do coenunciador como também o aproximam do discurso, pois constroem uma relação com o enunciador que deixa a sua posição clara e direta e mostra que ambos, enunciador e coenunciador, estão engajados no discurso.

Exemplo 6: E – como **acredito** que muitos profissionais de TESOL reconhecerão prontamente – o pensamento crítico começou agora a marcar presença, particularmente na área de composição em L2 (HYLAND, 2005a, p. 183).¹⁶

As diretivas também são estratégias de orientação do leitor com o propósito de observar algo de uma forma particular, ou seja, o leitor é guiado a desempenhar uma ação ou perceber as coisas que são determinadas pelo escritor e marcadas, principalmente, pelo imperativo. São recursos que têm o propósito de orientar o coenunciador para as possíveis discussões abordadas no discurso guiadas através de uma linha de raciocínio proposta pelo enunciador.

¹⁵ Exemplo 5: Now that **we have** a plausible theory of depiction, **we should** be able to answer the question of what static images depict. But this turns out to be not at all a straightforward matter. **We seem**, in fact, **to be faced** with a dilemma. **Suppose we** say that static images can depict movement. This brings **us** into conflict with Currie's account, [...] (HYLAND, 2005b, p. 183).

¹⁶ Exemplo 6: And – **as I believe** many TESOL professionals will readily acknowledge – critical thinking has now begun to make its mark, particularly in the area of L2 composition (HYLAND, 2005b, p. 183).

Exemplo 7: **Veja** Lambert e Jones (1997) para uma discussão abrangente sobre esse ponto (HYLAND, 2005a, p. 185).¹⁷

As perguntas são voltadas diretamente ao leitor a fim de instigá-los à reflexão sobre os argumentos explicitados pelo escritor. Durante o processo de escrita, o enunciador sente a necessidade de dialogar e trazer para o discurso o seu coenunciador, travando uma discussão, fazendo com que haja uma reflexão do que está sendo exposto ou mesmo expondo o seu ponto de vista. Dessa forma, os questionamentos através de perguntas são expressos no discurso sem necessariamente precisarem de uma resposta.

Exemplo 8: **É**, de fato, necessário escolher entre a influência do meio e a genética? A minha opinião é de que não é (HYLAND, 2005a, p. 186).¹⁸

O apelo a um conhecimento compartilhamento é utilizado para contestar a argumentação do escritor no discurso como algo familiar ou aceitável. É dessa forma, através das marcas, que o escritor irá partilhar seus conhecimentos com os leitores e fazer com que estes possam concordar, ou, até não, com a investigação posta no texto. Com essa estratégia, os enunciadores estão formando audiências, pois é colocada através das marcas, no discurso, a possibilidade de o coenunciador apresentar crenças e argumentar em torno do que está sendo discutido pelo enunciador.

Exemplo 9: **É claro** que sabemos que as comunidades indígenas de hoje foram reconhecidas pela igreja católica nos tempos coloniais e depois, [...] (HYLAND, 2005, p. 184).¹⁹

¹⁷Exemplo 7: **See** Lambert and Jones (1997) for a full discussion of this point (HYLAND, 2005b, p. 185).

¹⁸Exemplo 8: Is it, in fact, necessary to choose between nurture and nature? My contention is that it is not. (HYLAND, 2005b, p. 186).

¹⁹Exemplo 9: **Of course**, we know that the indigenous communities of today have been reorganized by the catholic church in colonial times and after, [...] (HYLAND, 2005b, p. 184).

A proposta de Hyland (2005b), que foi aplicada em artigos e entrevistas de discurso acadêmico, tem o objetivo de mostrar que o leitor e o escritor interagem como um elemento necessário para o mecanismo metadiscursivo. O engajamento e o posicionamento “são elementos importantes tanto para o argumento do escritor e de um contexto disciplinar como eles buscam colocar o escritor e os leitores em um texto como participantes de um diálogo em desenvolvimento” (HYLAND, 2005b, p.191). Existe uma relação de interação do enunciador com a sua audiência e, nessa construção social, há a possibilidade de em diferentes sequências e gêneros textuais de o escritor ter essa preocupação de trazer o leitor para o texto quanto aos aspectos defendidos no modelo de categorização de interação metadiscursiva de Hyland (2005b).

Vejam os a síntese das ocorrências dos recursos metadiscursivos de interação do autor:

Posicionamento	Itens p/ 1000 palavras	% do total	Engajamento	Itens p/ 1000 palavras	% do total
Atenuadores	14,5	46,6	Pronomes de leitores	2,9	49,1
Marcadores de atitude	6,4	20,5	Diretivas	1,9	32,3
Intensificadores	5,8	19,2	Perguntas	0,5	8,5
Automenção	4,2	13,7	Conhecimento compartilhado	0,5	8,2
			Aparte Pessoal	0,1	1,9
Totais	30,9	100		5,9	100

Figura 5: Recursos metadiscursivos de posicionamento e de engajamento nos artigos científicos (HYLAND, 2005b, p.186)

Aspecto	Fil	Soc	LA	PP	FÍ	BIO	ME	EE ²⁰	Total
Posicionamento	42,8	31,1	37,2	39,5	25,0	23,8	19,8	21,6	30,9
Atenuadores	18,5	14,7	18,0	20,0	9,6	13,6	8,2	9,6	14,5
Marcadores de Atitude	8,9	7,0	8,6	6,9	3,9	2,9	5,6	5,5	6,4

²⁰ Legenda para a abreviatura das disciplinas: Filosofia (Fil), Soc (Sociologia), LA (Linguística Aplicada), PP (Marketing), FI (Física), BIO (Microbiologia), ME (Engenharia Mecânica) e EE (Engenharia Elétrica).

Intensificadores	9,7	5,1	6,2	7,1	6,0	3,9	5,0	3,2	5,8
Automenção	5,7	4,3	4,4	5,5	5,5	3,4	1,0	3,3	4,2
Engajamento	16,3	5,1	5,0	3,2	4,9	1,6	2,8	4,3	5,9
Pronome do Leitor	11,0	2,3	1,9	1,1	2,1	0,1	0,5	1,0	2,9
Diretivas	2,6	1,6	2,0	1,3	2,1	1,3	2,0	2,9	1,9
Perguntas	1,4	0,7	0,5	0,3	0,1	0,1	0,1	0,0	0,5
Conhecimento Compartilhado	1,0	0,4	0,6	0,4	0,5	0,1	0,3	0,4	0,5
Aparte Pessoal	0,2	0,2	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Totais	59,1	36,2	42,2	42,7	29,9	25,4	22,6	25,9	36,8

Figura 6: Recursos metadiscursivos de posicionamento e de engajamento por disciplina (por 1000) (HYLAND, 2005b, p. 187)

Hyland deixa claro que no modelo, por ele usado e defendido, forma-se uma rede de negociações em que há uma constante troca do enunciador se posicionando e engajando o coenunciador em seu discurso, levando a uma relação interpessoal.

A nossa tese defendida nesta pesquisa é a de que existe também a relação de interação do enunciador e do coenunciador na construção do sentido metadiscursivo em gêneros de sequência narrativa dominante. Com o objetivo de identificar como os recursos metadiscursivos de interação de engajamento e de posicionamento se comportam, sentimos a necessidade de aliar ao metadiscorso a teoria das sequências textuais na perspectiva de Adam (2008), mais especificamente a sequência narrativa, a qual será alvo de descrição e de discussão na próxima seção.

2. 2 Sequências textuais

A concepção de sequência foi trazida à literatura por Jean Michel Adam e começou a ser difundida no final da década de 80, tendo uma larga produção na década seguinte com uma obra totalmente destinada a esse assunto. A organização sequencial faz parte das unidades textuais – proposições, períodos,

sequências e planos de texto – “que são apreendidas e combinadas de acordo com os dois tipos de operações de textualização, muito gerais: as operações de segmentação e as operações de ligação” (ADAM, 2008, p. 26). As unidades textuais fazem parte de uma proposta maior de Adam: a análise textual dos discursos. Esta está inserida na concepção da Linguística Textual que a tem como “uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (ADAM, 2008, p.23).

Nossa proposta neste trabalho consiste em utilizarmos apenas as sequências textuais, mais especificamente a sequência narrativa, e investigarmos como se comportam os recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do engajamento e do posicionamento em textos de sequência narrativa dominante. Por isso, não discutimos aqui a proposta da análise textual dos discursos e suas unidades textuais e sim um recorte de sua teoria, a das sequências textuais, com a qual dialogamos a seguir.

A noção das sequências textuais teve como postulados teóricos seis conceitos: o de gêneros e de enunciado de Bakhtin, o de protótipo de Rosch, os de base e tipo de texto de Werlich e o de superestrutura de van Dijk²¹.

Sendo um processo comum no desenvolvimento de qualquer ciência, queremos destacar que as teorias partem de um pressuposto já existente e que muitas vezes são apenas redimensionadas, ou até mesmo há somente uma troca de termo com o objetivo de parecer algo novo diante do já mencionado. As sequências, por exemplo, são desenvolvidas a partir de vários postulados, chegando à proposta de Adam a qual nos propomos investigar. É como se, muitas vezes, fosse uma caminhada de reflexões a partir do que já existente a fim de surgir algo “novo”.

De todos os postulados teóricos da teoria das sequências de Adam, queremos destacar o de gênero e o de enunciado de Bakhtin.

²¹ Para um aprofundamento sobre o assunto, ver Bonini, 2005.

O estudo do enunciado formatado em gêneros é um ponto que diferencia a teoria bakhtiniana dos pressupostos das teorias tradicionais da linguagem, uma vez que estas excluem a natureza interacional da linguagem, entendida como prática social (QUEIROZ, 2009, p. 3).

A linguagem entendida como prática social em Bakhtin é o que nos remete ao modelo de interação de Hyland (2005a), pois ambas as abordagens teóricas é possível uma relação da concepção de Bakhtin com a de Hyland imbricados na interação pela heterogeneidade.

Para Adam, a noção de sequência pode ser definida como uma estrutura e é entendida como:

- uma rede relacional hierárquica: grandeza decomponível em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem.
- uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria e, portanto, em relação de dependência/independência com o conjunto mais amplo de que ela faz parte. (ADAM, 2009, p.122)

Utilizada como uma forma de plano de uma organização da textualidade, a definição de sequência redefine a concepção de linguística textual para Adam, que aborda o texto como sendo, “por um lado, pragmaticamente (ou configuracionalmente) organizado e, por outro lado, é uma sequência de proposições²²” (ADAM, 2009, p. 118).

A organização pragmática comporta três dimensões:

- a) argumentativa – todo texto tem um objetivo que pode estar claro ou não;

²² Proposição tem como sigla Pn no esquema que representa a sequência narrativa de Adam (2008).

- b) enunciativa – um texto tem um tom de discurso político, discurso oral, discurso escrito, discurso poético, discurso não-real, discurso científico e semântica, o que liga o texto ao mundo representado.

A sequência é uma parte integrante do texto composta por blocos de proposições – macroproposições – e estas formam n (micro) proposições (ADAM, 2009). Para defini-la como uma estrutura sequencial, devemos recorrer à heterogeneidade composicional em aspectos gerais e afirmar que podemos ter em um texto vários tipos de sequências.

A aceção de sequência para Adam (2009), no texto, segue a seguinte representação:

[# T # [sequência(s) [macroproposição(ões) [proposição(ões)]]]]

Temos, na representação acima, a unidade constituinte do texto onde o símbolo # demarca o início e o fim da comunicação com n sequências e um conjunto hierárquico de macroproposições organizadas que podem dar conta de uma ou mais características da sequência. Nessas macroproposições, estão as proposições na superfície do texto, ou seja, no status de texto produzido (BONINI, 2005).

Apesar de haver um número reduzido de proposições, podemos afirmar que os textos apresentam uma sequência heterogênea na sua estrutura. Temos, então, duas possibilidades de estrutura:

- o da inserção de uma sequência em outra – [sequência narrativa [sequência dialogal] sequência narrativa];
- o da dominância sequencial – [sequência dominante>sequência dominada]

A segunda possibilidade é exemplificada, como afirma Cavalcante (2009)²³, quando um texto apresenta várias sequências e uma pode ter o efeito dominante; as demais irão se adequar a ela. Quando temos um artigo de opinião em que o autor ao longo do texto narra um fato e apenas no último parágrafo explicita o seu ponto de vista, a sequência dominante – unidade de extensão hierárquica – é a argumentativa, apesar de a narrativa predominar no texto. “O efeito dominante é, em termos de sequências, determinado seja pelo maior número de sequências de um certo tipo que aparecem no texto, pelo tipo de frequência matriz (que abre e fecha o texto)” (ADAM, 2008, p. 274). Como os gêneros de discurso mantêm relações hierárquicas e possibilitam mudanças, a dominância sequencial está ligada aos gêneros.

Podemos constatar no exemplo da fábula O lobo e o cordeiro, de *La Fontaine* (ADAM, 2008, p. 274) de sequência narrativa dominante, porém com um número considerável de diálogos entre os personagens. Os segmentos em negritos (ADAM, 2008; ênfase do autor) são narrativos.

(10) O LOBO E O CORDEIRO

A razão do mais forte sempre vence:

Nós vamos mostrar isso daqui a pouco.

Um Cordeiro bebia

Nas águas limpas de um riacho;

Aparece um Lobo em jejum, procurando uma presa,

E que a fome tinha conduzido até lá.

- Como tens a ousadia de sujar a água que bebo?

Diz esse animal, com raiva:

Tu serás castigado por tua temeridade!

- Senhor, **responde o Cordeiro**, que Vossa Majestade

não se irrite por isso;

Mas considere que estou matando a sede

na corrente

mais de vinte passos adiante;

E que, por conseguinte, de modo algum,

²³ Assunto debatido na disciplina de Seminários Temáticos III ministrada pela professora doutora Mônica Magalhães Cavalcante no semestre de 2009/2 no Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

não poderia sujar vossa água.
- Tu a sujas, **falou esse cruel animal;**
E sei que falaste mal de mim no ano passado.
- Mas como poderia, se eu nem tinha nascido?
Disse o Cordeiro, eu ainda estou mamando.
- Se não foste tu, então, foi teu irmão.
- Não tenho irmãos. – Então, foi algum dos teus;
Pois vós não me poupais em nada,
Vós, vossos pastores e vossos cães.
Foi o que me disseram: preciso vingar-me.
Com isso, ao mais profundo das florestas
O lobo o carrega e depois o come,
Sem outra forma de processo.

O exemplo comprova que apesar de termos um texto com o enquadramento sequencial narrativo dominante temos a sequência dialogal inserida. “Esses fatos de dominante sequencial estão ligados aos gêneros e subgêneros do discurso que mantêm relações hierárquicas instáveis e sempre suscetíveis de serem modificadas” (ADAM, 2008, p. 275).

“Essa concepção cognitivo-semântica das sequências é complementada por uma perspectiva pragmática, que salienta seu caráter operatório para a análise textual” (PASSEGGI et al, 2010, p.274).

Críticas são apontadas à proposta da teoria das sequências de Adam (1992). Giering (2000, apud Bonini, 2005) afirma que apesar de Adam priorizar a organização sequencial não há uma clareza acerca de como a heterogeneidade se constitui no texto, como também afirma que não é clara a definição de módulo configuracional. A autora mostra a falta de clareza entre noções como *tipo* e *plano de texto*, gerando uma fragilidade na identificação “de uma sequência e sua fronteira com as demais sequências presentes no texto” (BONINI, 2005, p. 231) e menciona situações ao longo da obra referendada em que Adam classifica o mesmo texto com diferentes sequências. Acreditamos que essa possibilidade de classificação é viável a partir do pressuposto de que as sequências textuais são dinâmicas e dependendo

da situação de produção e dos interactantes podem ser reavaliadas a cada prática discursiva destes (CAVALCANTE, 2010).

Bonini (2005) defende a fragilidade na proposta da sequência textual de Adam e cita três pontos críticos: “o problema interno-externo, o problema do gênero primário e o problema da categorização” (BONINI, 2005, p.231).²⁴ Este discute essas fragilidades e, em parte, há uma consonância por nós em seus argumentos, principalmente, em relação ao gênero primário ao substituir pela noção de sequência e rompe com o conceito de enunciado de Bakhtin (2003) ao subdividir o texto. O teórico russo postula o enunciado como uma forma viva e real da comunicação discursiva, não cabendo à situação de subdivisão do texto como uma parte extraída do discurso.

As críticas aqui citadas à teoria das sequências são apontadas à obra de 1992 de Adam. Apesar de o teórico ter várias outras publicações, inclusive à de 2008 por nós citadas em diversas circunstâncias nesta pesquisa, concordamos com os argumentos aqui expressados por Bonini já justificados por nós.

2.2.1 Sequências ou tipos textuais?

As sequências, a princípio, foram classificadas por Adam em sete tipos: narrativa, descritiva, argumentativa, expositivo-explicativa, injuntivo-instrucional, conversacional e poético-aristotélica. Em seus postulados posteriores (ADAM, 1992), reduziu para cinco: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal. Retirou a injuntiva, afirmando que ela faz parte da descritiva. Já a poético-aristotélica teve como justificativa para a sua retirada o fato de que o texto poético pode ser considerado como “o resultado dos ajustes de superfície na base do texto, mas não exatamente como uma estrutura hierárquica e ordenada de proposições” (BONINI, 2005, p.217).

²⁴ Ver em Bonini (2005, p. 231-233) a discussão trazida a respeito da proposta da teoria das sequências de Adam.

O termo por nós apresentado até então é o de sequência para as unidades textuais compostas por um número limitado de macroproposições, mas Biasi-Rodrigues (2008, p. 35) afirma que há “uma nova perspectiva de olhar para a estrutura textual defendida por alguns autores, que preferem chamar os gêneros tradicionais de sequências ou tipos textuais.” A concepção da terminologia de tipo/tipologia textual é utilizada por Marcuschi (2008), que a define como:

uma espécie de construção teórica ... definida pela natureza linguística sua composição. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo. (p. 154 e155)

Marcuschi, em suas sequências tipológicas, parte das pesquisas de Werlich, que também são bases para o desenvolvimento do fenômeno teórico de Adam, e as determina tais quais Werlich. Diferentemente de Adam, que abandona a injuntiva, Marcuschi permanece com esta sequência.

Outro ponto em que os dois se diferenciam é que Marcuschi faz uma aplicação de suas pesquisas ao ensino, na área de Linguística Aplicada. Já Adam utiliza as sequências em suas pesquisas da Linguística Textual. Este autor fez a opção pelo termo “sequência” e diz ser “presunçoso” falar de tipo de texto. Como o texto é uma realidade heterogênea, parece ser quase impossível definir texto em um conceito estrito. Dessa forma, queremos ressaltar a nossa preferência pela perspectiva de sequência de Adam apesar de termos nomenclaturas próximas e também distintas entre ambos os autores.

Apresentaremos uma breve síntese acerca das cinco sequências propostas por Adam (2008) e focaremos na sequência narrativa por esta fazer parte dos nossos objetivos traçados nesta pesquisa.

2.2.2 Classificação das sequências

A proposta da teoria das sequências de Adam está nos tipos relativamente estáveis e nas regularidades composicionais de Bakhtin aos quais postula como a base das regularidades sequenciais. Confirma a real possibilidade, no estágio de sua pesquisa, em determinar apenas cinco as sequências prototípicas, já citadas anteriormente, e apresenta um esquema das macroproposições para a maioria das sequências (ADAM, 2009).²⁵

A sequência descritiva:

apresenta arranjos não mais segundo uma ordem linear casual, mas essencialmente tabular, hierárquica, regrada pela estrutura de um léxico disponível. Além da herança escolar que reduziu a descrição a trechos descritivos destinados ao exercício da redação, parece evidente que as estruturas sequenciais do tipo descritivo são produzidas de múltiplas atividades discursivas comuns (imprensa, publicidade, etc.). (ADAM, 2009, p. 126)

Apresenta uma diferença das demais sequências, pois não abrange uma ordem de agrupamento das proposições-enunciados em macroproposições hierarquizadas, aparecendo como a menos estruturada (PASSEGGI et al, 2010).

Como a sequência descritiva, a dialogal também se mostra com particularidades próprias, porém apresenta um esquema para um texto conversacional elementar completo. Adam afirma que um texto dialogal “é enquadrado por **sequências fáticas** de abertura e de fechamento” (ADAM, 2008, p.248; ênfase do autor) que se enquadram em torno de um núcleo transacional de base – constituem o corpo da interação. Defende o ponto de vista de que as

²⁵ A título de aprofundamento sobre a classificação das cinco sequências propostas pelo autor ver Adam (2008, 2009). Outro autor que aborda o mesmo assunto com uma perspectiva particular é Bronckart (1999).

condições enunciativas orais são diferentes das enunciativas escritas e fundamenta-se em Goffman, na definição interacionista de texto dialogal-conversacional, e em Kerbrant-Orecchioni, nos “pares de atos do discurso à sequencial dialogal (ADAM, 2008, p. 246).

Para a sequência explicativa, Adam se pauta na proposta de “estrutura geral de uma sequência explicativa” de Grize (1990, apud ADAM, 2008) quando este considera o operador POR QUE como critério de explicação, e questiona a possibilidade do COMO, em algumas vezes, exercer também o mesmo critério (ADAM, 2009). A explicativa, associada “geralmente à análise e à síntese de representações conceituais, visa a mostrar que as relações de causa ligam aos fatos entre si ou mesmo as falas” (ADAM, 2009, p. 127). Tem uma estrutura sequencial resumida nas seguintes macroproposições: descrição inicial, problema (questão), explicação (resposta) e ratificação-avaliação.

Adam apoia-se na definição de sequência argumentativa de Ducrot (1980, apud ADAM, 2008) e parte do modelo de argumentação proposto por Toulmin (1993, apud ADAM, 2008) como um esquema simplificado de base para a sua sequência argumentativa. Este apresenta um esquema com as seguintes categorias: dados (premissas) fato(s), apoio e asserção conclusiva.

Sentindo falta de uma contra-argumentação, o autor completa a sequência argumentativa prototípica e propõe o seguinte esquema com as macroproposições: tese anterior, dados/fatos, apoio, restrição e conclusão. Apesar de a estrutura encontrar-se nessa ordem, não quer dizer que a mesma seja obrigatória: “a (nova) tese pode ser reformulada de início e retomada, ou não, por uma conclusão que a duplica no final da sequência, sendo que a tese anterior e os apoios podem estar subtendidos” (ADAM, 2008, p. 233).

A última sequência a ser descrita é a narrativa e terá uma subseção a parte por se tratar do nosso objetivo geral: investigar como os recursos metadiscursivos interativos na perspectiva do posicionamento e do engajamento de

Hyland (2005a) se manifestam em gêneros de sequência narrativa dominante – conto, lenda, fábula e anedota.

2.2.3 Sequência narrativa

A partir dessa acepção, é necessário descrevermos a sequência narrativa proposta por Adam. Concentra-se no desenvolvimento cronológico finalizado, aborda diversos gêneros, apresenta uma estrutura de sentido amplo e macroproposições articuladas entre si.

Para Adam (1992, p. 45), “enquanto unidade textual, toda narrativa corresponde, na verdade, idealmente à definição mínima que podemos dar da textualidade: sequência de proposições ligadas progredindo para um fim”, como também em seu sentido mais amplo pode ser considerada como uma exposição de fatos reais ou imaginários,

mas essa designação geral de “fatos” abrange duas realidades distintas: **eventos** e **ações**. A **ação** se caracteriza pela presença de um **agente** – um ator humano ou antropomórfico – que provoca ou tenta evitar uma mudança. O **evento** acontece sob efeito de **causas**, sem intervenção intencional de um **agente** (ADAM, 2008, p. 224; ênfase do autor).

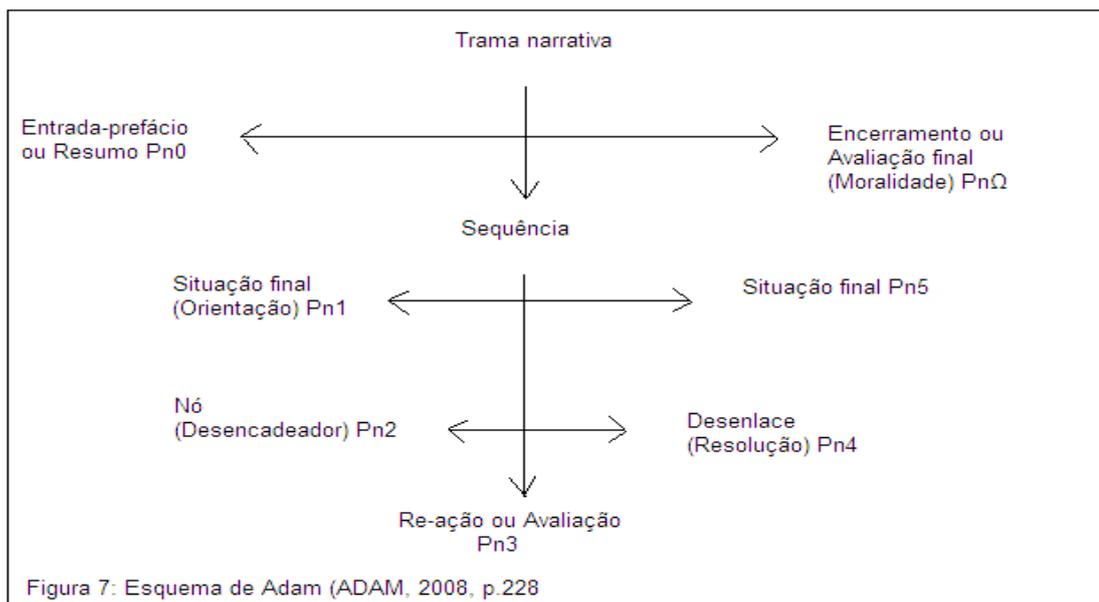
A sequência narrativa de Adam apresenta um alto grau de narrativização quando a sua trama é constituída por cinco macroproposições narrativas de base (Pn) correspondentes aos cinco momentos (m) do aspecto: antes do processo (m1), o início do processo (m2), o curso do processo (m3), o fim do processo (m4) e, finalizando, depois do processo (m5). Esta descrição da organização textual da sequência narrativa citada que constitui uma estrutura hierárquica foi proposta inicialmente por Todorov (1968, apud ADAM, 2008) e Larivaille (1974, apud ADAM, 2008). Uma narrativa que é constituída apenas de uma sequência de ações e / ou eventos apresenta um baixo grau de narrativização.

A proposta de Todorov e Larivaille é revista por Adam e sofre alterações, pois o autor evidencia duas relações simétricas essenciais: núcleo e desenlace, e as

situações inicial e final. Portanto, a organização textual da narrativa passa a ser apresentada nessa simetria e do seguinte encadeamento: situação inicial (Pn1) <> nó (Pn2) <> ação ou avaliação (Pn3) <> desenlace (Pn4) <> situação final (Pn5). Os símbolos entre os encadeamentos das macroproposições apresentam o significado de que a sequência narrativa não é estritamente linear, podendo não ocorrer todas as macroproposições como também estas reaparecerem ao longo da narrativa, dependendo da narrativa.

Com o objetivo de complementar a última organização textual da sequência narrativa citada, Adam propõe um esquema ampliado possível de dar conta de uma trama que possui um alto grau de complexidade. Acrescenta as macroproposições de *Entrada-prefácio* ou de um simples *Resumo* (Pn0) – para a inscrição de uma sequência narrativa em um contexto dialogal (oral, teatral ou de uma narração encaixada em outra) na abertura, podendo ser apresentada também como resumo – e de *Avaliação final* (PnΩ) – na conclusão da narrativa, assumindo a forma da moralidade das fábulas ou, simplesmente, um encerramento.

O esquema com as alterações propostas por Adam, já descritas, apresenta-se da seguinte forma:



Em decorrência das modificações, a sequência narrativa, segundo o autor, é descrita em macroproposições do seguinte modo:

- Entrada-prefácio ou Resumo (Pn0) – parte do texto que demarca, normalmente, o discurso oral por uma introdução do que virá a ser tratado.
- Situação inicial (Orientação) (Pn1) – parte do texto que tem por objetivo situar o leitor no que se refere ao espaço, ao tempo, ao estado e à pessoa na narrativa;
- Nó (Desencadeador) (Pn2) – situação de maior destaque da narrativa, onde de fato se dá a trama;
- (re)Ação ou Avaliação (Pn3) – os momentos em que o narrador motiva o leitor ou ouvinte a valorizar os fatos contatos;
- Desenlace (Resolução) (Pn4) – trecho da narrativa responsável pelo desenlace dos fatos;
- Situação final (Pn5) – segmento que marca o final da narrativa;
- Encerramento ou Avaliação final (moralidade) – um trecho que pode vir, ou não, de uma forma implícita ou explícita na narrativa como uma reflexão dos acontecimentos narrados.

Há uma diferenciação em relação ao esquema da sequência textual proposto por Adam em sua obra de 1992 com o citado acima. A Entrada-prefácio ou resumo não o constitui e há um pontilhado que liga o esquema à macroproposição Moral, significando a possibilidades de não haver a moral em todas as narrativas. E esta macroproposição no mais recente esquema da sequência narrativa de Adam é denominada também como Encerramento ou Avaliação final (ver figura 7) e no de 1992 aparecia apenas como Moral. Essas duas macroproposições, apesar de estarem no esquema, não são frequentes em todos os textos narrativos.

O esquema da proposta de Adam (1992) pode ser visualizado na seguinte figura:

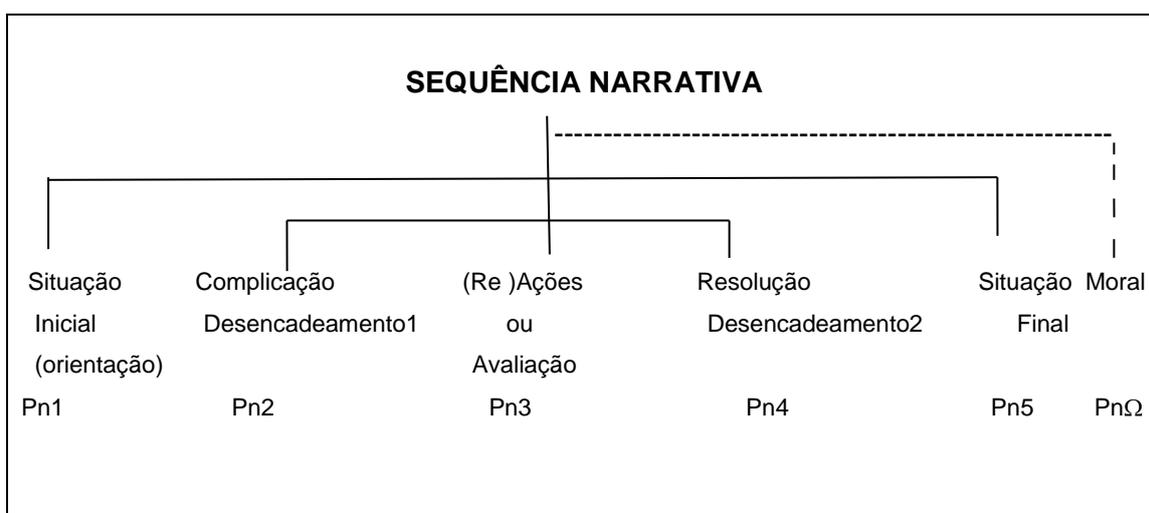


Figura 8: Esquema da sequência narrativa (ADAM, 1992, p.57)

Utilizaremos em nossa análise o esquema mais recente de Adam (2008) por concordarmos com o autor da existência da macroproposição Entrada-prefácio ou Resumo (Pn0) apesar de estar claro que esta não é identificada na maioria dos textos narrativos.

A título de ilustração da sequência aqui descrita segue um exemplo retirado da obra de Adam (2008, p. 323) com a descrição prototípica proposta pelo autor. Decidimos apresentar apenas a descrição prototípica da sequência narrativa com as suas macroproposições, o mesmo que iremos utilizar em nossa análise, e não as reflexões sobre a análise das macroproposições por ser o suficiente em dar

conta do nosso objetivo geral, já que o nosso foco é nos recursos metadiscursivos de interação (HYLAND, 2005a) e não na análise da descrição prototípica da sequência narrativa.

(11) O CATIVO

Jorge Luis Borges (1960, apud ADAM, 2008)

(Pn0 – Entrada-prefácio) Em Junín ou em Tapalqué, contam a história que segue: **(Pn1 – Situação inicial)** Um menino desapareceu após um ataque de índios: dizem que os índios o tinham raptado. Seus pais o procuraram inutilmente. **(Pn2 – Nó)** Anos depois, um soldado que vinha do interior falou-lhes de um índio de olhos azul-celeste que bem poderia ser seu filho. Finalmente, o acharam (a crônica perdeu as circunstâncias em que isso ocorreu e eu não quero inventar o que não sei) e acreditaram reconhecê-lo. **(Pn3 – Re-avaliação ou Avaliação)** O homem, marcado pelo deserto e pela viagem, não compreendia mais as palavras da língua natal, mas deixou-se conduzir, indiferente e dócil, até a casa. Lá, ele parou, talvez porque os outros pararam. Olhou a porta, como se não a compreendesse. **(Pn4 – Desenlace)** De repente, baixou a cabeça, gritou, atravessou correndo o saguão e os dois grandes pátios e se precipitou na cozinha. Sem hesitar, mergulhou o braço na chaminé enfumaçada e tirou a pequena faca com cabo de chifre que tinha escondido lá quando era criança. **(Pn5 – Situação final)** Seus olhos brilharam de alegria e os pais choraram, porque tinham encontrado seu filho.

(Período narrativo-argumentativo com fraca narrativização) Essa lembrança talvez tenha sido seguida por outras, mas o Índio não podia viver entre quatro paredes e um dia ele partiu à procura do seu deserto. **(PnΩ - Encerramento ou Avaliação final)** Eu queria saber o que ele sentiu naquele momento de vertigem quando o passado e o presente se confundiram; eu, eu queria saber se o filho perdido renasceu e morreu nesse êxtase, ou se chegou a reconhecer, nem que fosse como faz um recém-nascido ou um cachorro, os pais e a casa.

Acreditamos que os fenômenos metadiscursivos são também categorias de interação na sequência narrativa, como já afirmado, por partimos do pressuposto de que todo texto apresenta recursos metadiscursivos de interação. Nos textos argumentativos, o escritor e o leitor, termos de Hyland e para nós enunciador e coenunciador, respectivamente, são o alvo nas macrocategorias de posicionamento e de engajamento; já em nossa pesquisa em gêneros de sequência narrativa dominante – conto, lenda, fábula e anedota – nosso objeto de investigação é o narrador. Este terá a função, em sua trajetória da narrativa, da interação de posicionar-se e engajar o leitor/coenunciador.

Após as teorias e as reflexões apresentadas até neste momento de nossa pesquisa acerca dos recursos metadiscursivos de interação em textos de sequência narrativa dominante, atestamos a necessidade de refletirmos sobre os processos referenciais, mais especificamente sobre os processos anafóricos, sobretudo os que envolvem recategorização, por poderem constituir, por exemplo, marcas de atitude. Atestamos também a presença dos dêiticos na instância enunciativa que se estabelece entre os personagens por, talvez, poder ligá-los às microcategorias de engajamento. Isso se deve ao fato de acreditarmos que a interação defendida por Hyland, e por nós, no processo de construção do texto do enunciador, assim como podem posicionar-se e engajar o coenunciador através de recursos metadiscursivos, ora podem ser, também, processos referenciais²⁶.

Na próxima seção, damos destaque aos processos referenciais, introdução referencial, anáfora e dêixis, apesar de não termos a pretensão de esmiuçá-los já que o nosso objetivo geral neste trabalho não está centrado nesse aparato teórico.

2.3 PROCESSOS REFERENCIAIS

Seguindo a esteira de Apothéloz (2001) e Cavalcante (2004, 2005, no prelo), sustentamos que a referenciação é um processo de atenção e de interação como dois mecanismos de complementação porque “se constrói por processos cognitivos ligados à orientação de atenção, a qual está voltada ao mesmo tempo para o objeto e para o coenunciador” (CAVALCANTE, 2004, p. 01). Até se chegar a essa concepção da referenciação, postulada por Mondana e Dubois, as ocorrências referenciais eram apenas retomadas textuais, e o processo cognitivo-social não era levado em conta no texto/discurso. Aliás, essa concepção de texto e discurso

²⁶ As demonstrações sobre os recursos metadiscursivos de interação como processos referenciais são destacadas apenas em nossa análise.

imbricados, defendida por Cavalcante (no prelo), Ciulla e Silva (2008) e por nós, também não era vista dessa forma na Linguística Textual.²⁷

Os aspectos pragmáticos envolvidos em situações de comunicação passam a ser levados em conta a partir do que Koch (2009) chama de “virada pragmática” da Linguística Textual e depois a partir da perspectiva sociocognitivo-interacionista; ambos os aspectos marcam a caminhada da Linguística Textual como também os aspectos de mudança em relação à nova visão dos processos de referenciação. Hoje o referente é visto como uma entidade que emerge “da própria interação e nem sempre se explicita por uma expressão referencial, quer se introduzindo no discurso, quer apenas se mantendo nele sem muitas alterações, ou quer se mantendo, mas se recategorizando” (CAVALCANTE, no prelo, p.78).

O texto/discurso, resultado de um processo dinâmico estabelecido nas relações de interação, se constrói à medida que os referentes são introduzidos, identificados, recategorizados e modificados, tendo o sentido como um efeito da enunciação e a referenciação considerada como a partir da atividade no interior do texto/discurso.

É nessa perspectiva de interação e de construção dos referentes que a referenciação, através de suas entidades, orienta através de diferentes elementos, como o conhecimento compartilhado e pistas linguístico-discursivas, o acesso ao discurso. Essa orientação também é o pressuposto dos recursos metadiscursivos de interação, que através de marcas, posiciona o pensamento do enunciador e engaja o coenunciador no discurso, por isso nos faz possível afirmar a consonância entre os recursos metadiscursivos de interação na perspectiva de Hyland (2005a) e os processos referenciais, mais especificamente a anáfora e a dêixis.

Faria (2009), em sua dissertação, defende que os recursos metadiscursivos em redações dissertativas de vestibular podem ser também expressões referenciais.

²⁷ Citamos a atual concepção da Linguística Textual de texto/discurso, mas não iremos aprofundar o referido assunto por não nos parecer necessário. Para uma maior discussão, ver Cavalcante (no prelo), Ciulla e Silva (2008) e Custódio Filho (2011).

Este estudo, portanto, demonstrou algumas ocorrências que se destacaram no texto dissertativo como: sobreposição de operadores metadiscursivos, ou seja, as mesmas expressões usadas nas dimensões de posicionamento e engajamento; anáforas indiretas empregadas geralmente na dimensão de engajamento (conhecimento compartilhado), enquanto as encapsuladoras e recategorizadoras mais usadas na dimensão de posicionamento (marcadores de atitude); também ocorreram sobreposição com os dêiticos, muitas vezes, como automenção (posicionamento) e pronomes do leitor (engajamento). (FARIA, 2009, p. 76)

Concordamos com essa afirmação e buscamos, em nossa análise, corroborar que os recursos metadiscursivos de interação em textos de sequência narrativa dominante podem, em algum momento, ser processos referenciais, havendo a sobreposição em algumas situações.

As estratégias referenciais são reconhecidas como um processo sociocognitivo-discursivo; elas se apóiam em condições contextuais diversas (CAVALCANTE, no prelo). É nesse caminho de contexto que Costa (2007) constitui a referenciação como:

uma espécie de “jogo” que extrapola os limites sonoros ou gráficos do texto, isto é, que se realiza na esfera das relações entre sujeitos historicamente situados. As formas que os sujeitos escolhem para relacionar os referentes, que seriam as peças do jogo, criam, em relação com os outros elementos do jogo, o mundo do discurso, uma realidade “fabricada”, no dizer de Blikstein (1983). (COSTA, 2007, p.66)

Nessa perspectiva de contexto e de uma realidade fabricada, defendida por Blikstein (1983), acreditamos, juntamente com Cavalcante (no prelo), Costa (2007) e outros, que as estratégias de referenciação são de fato necessárias para a construção do discurso e são as práticas sociais de linguagem que criam imagens e modelos convencionados. Esses acessos só podem ser feitos de uma forma indireta, com o que Blikstein (1983) chama de “óculos sociais”. Estes são necessários para filtrarem a realidade. Como ressalta Cavalcante (no prelo), filtramos a “massa amorfa” através de valores, sendo estes positivos ou negativos,

relacionados ao contexto e responsáveis por criarem os “estereótipos perceptuais”, levando à configuração dos objetos do discurso, dos referentes.

É nessa ótica de construção de uma representação das coisas durante nossas práticas sociocomunicativas que os referentes são vistos como objetos do mundo nomeados através de palavras representadas de imagens fabricadas por nós. Os referentes organizam, apontam, posicionam o enunciador, engajam o coenunciador como os recursos metadicursivos de interação.

Os referentes podem ser marcados por várias formas de expressão referencial dentro do discurso oral ou escrito de acordo com Cavalcante (2008):

- a) nomes próprios;
- b) pronomes demonstrativos;
- c) grupos nominais com demonstrativos
- d) grupos nominais com artigo definido;
- e) grupos nominais com possessivos;
- f) grupos nominais modificados por advérbios;
- g) grupos nominais modificados por expressões que indiquem ordenação;
- h) grupos nominais com artigos indefinidos ou pronomes indefinidos;
- i) grupos nominais sem determinantes, expressando valores genéricos;
- j) elipses de pronomes ou grupos nominais, representados por Ø.

2.3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS PROCESSOS REFERENCIAIS

Vários pesquisadores vêm se debruçando sobre a classificação dos processos de referenciação, desde os pioneiros Koch e Marcuschi (1998)²⁸ até aos dias atuais em que temos um lastro de pesquisas desenvolvidas, especialmente,

²⁸ Para um aprofundamento das várias óticas de classificação dos processos referenciais, ver Custódio Filho (2006).

pelo grupo PROTEXTO²⁹ responsável por contribuições relevantes no campo da teoria da referenciação. A partir do momento em que o termo referenciação “apresenta como posição central a ideia de que a experiência perceptual é elaborada, cognitiva e socialmente, dentro do processo discursivo pelos interlocutores” (CUSTÓDIO FILHO, 2006, p. 11), esse processo classificatório passa a sofrer mudanças, porém a classificação continua com seu real objetivo: descrever as diversas formas e estratégias utilizadas pelos indivíduos quando do processo referencial só que pautadas, a partir de então, por uma noção sociocognitivo-discursiva dos referentes.

Cavalcante (2004) defende a tese de que na construção do referente há um papel essencial à interação de vários contextos: cotexto, conhecimento compartilhado e situação de interação. A classificação da autora é dividida em três processos gerais: **introdução referencial**, **anáfora** e **dêixis**. Como já dito no final da seção **2.2.3**, não iremos aqui apresentar com profundidade os processos referenciais, senão apenas situar o leitor nesse aparato teórico porque, em algumas situações, os recursos metadiscursivos de interação em textos de sequência narrativa dominante irão se sobrepor aos processos referenciais, mais especificamente a anáfora e a dêixis, havendo nessa situação um entrelaçar de teorias. A comprovação desta afirmação se dará na seção de análise desta dissertação.

A **introdução referencial** é reconhecida quando uma entidade é mencionada pela primeira vez no discurso, ou seja, não está relacionada a nenhum elemento anteriormente dito. São referentes introduzidos pela primeira vez no cotexto ilustrados no exemplo³⁰:

(12) O sujeito chega para o padre e pergunta:

- Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros?
- É claro que não, meu filho!
- Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer o meu casamento.

(piada, *As melhores piadas de casseta e planeta*, v.4)

²⁹ Grupo de Pesquisa em Linguística da Universidade Federal do Ceará coordenado pela profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante: <http://www.protexto.ufc.br/index.html>

³⁰ Os exemplos desta subseção foram retirados de Cavalcante (no prelo).

No exemplo, as expressões “o sujeito” e “o padre” são ditas como introduções referenciais porque são introduzidas no discurso, apresentadas no contexto, ou seja, não há uma ancoragem a esses elementos já que eles estão sendo apresentados no universo discursivo naquele momento. Temos, no mesmo exemplo (12), a expressão “meu filho” ancorada no sintagma “o sujeito”; este objeto do discurso previamente introduzido foi recuperado, ocorrendo um caso de **anáfora** (direta) correferencial recategorizadora, pois há um termo ao qual a expressão “meu filho” remete. Enquanto que a introdução referencial é o objeto do discurso posto no universo discursivo inicialmente, a anáfora é a retomada desse mesmo objeto completamente recuperado.

No “reino das anáforas”, há subdivisão: as anáforas com manutenção do mesmo referente, isto é, as anáforas diretas, e as sem retomada do mesmo referente, isto é, anáforas indiretas. Observe-se a síntese dos processos referenciais até aqui mencionados no quadro a seguir de Cavalcante (no prelo):

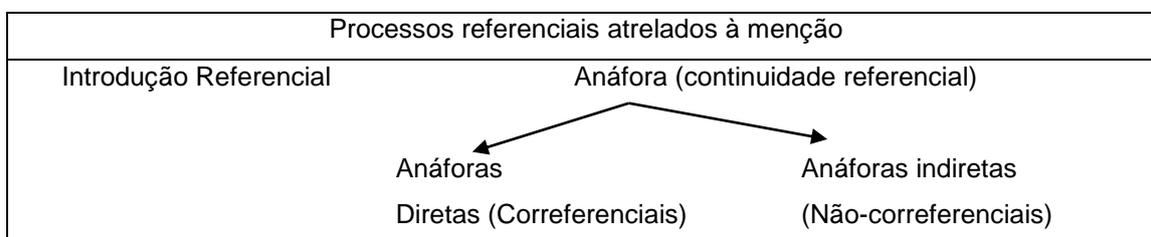


Figura 9: Cavalcante (no prelo, p. 38)

Vejam-se no exemplo seguinte casos de anáforas diretas e de anáforas indiretas:

(13) “Um advogado morre e pede, em seu testamento, que cada um de seus três sócios jogue 50 reais dentro de seu túmulo na hora do enterro. O primeiro pensa muito, tira uma nota de 50 reais da carteira e a joga na cova. O segundo reluta bastante, mas também joga uma nota de 50 reais. O terceiro recolhe as duas notas de 50 e joga um cheque de 150 reais na cova. (piada, Coleção *50 piadas* – profissões, de Donaldo Buchweitz).

Podemos citar os anafóricos diretos correferenciais referentes a “cada um de seus três sócios” em “o primeiro”, “o segundo” e “o terceiro”, pois se enquadram na definição já mencionada sobre o processo referencial aqui mencionado como exemplo. Já “o enterro” é um caso de anafórico indireto por ser um novo referente, porém relacionado a “morre”, pois inferimos pela nossa cultura que após a morte dá-se o enterro, dessa forma é estabelecida uma dedução do referente “o enterro”, como novo, a partir de pistas cotextuais, como “morre”, e de outras contextuais.

Dentre os casos anafóricos, há o caso especial das anáforas encapsuladoras que tem sido tratado como um caso bem peculiar “porque não retoma nenhum objeto de discurso pontualmente, mas se prende a conteúdos espalhados pelo contexto” (CAVALCANTE, no prelo, p, 46). São consideradas pela autora como meio diretas e indiretas por tomar como base o que já foi mencionado, como também por marcar a presença de um novo objeto do discurso resumindo conteúdos ditos ou não anterior e/ou posteriormente no cotexto.

(14) CERVEJA

MOTIVO DE POLÊMICA

A Schincariol lança neste mês no Nordeste a lata de Nova Schin com uma tampa protetora de alumínio. A solução, que outras empresas já usam, é motivo de uma pequena guerra no setor: o sindicato que reúne a Ambev e a Femsa fez campanha publicitária contra. Alegou que esse tipo de embalagem não protege contra a formação de bactérias. Uma liminar na Justiça proibiu a campanha.

(nota – revista *Veja*, 07/05/2008)

Além de termos casos de anáfora encapsuladora em “polêmica”, responsável por avaliar e resumir o que será apresentado na nota, e “uma pequena guerra no setor” antecipam o referente mesmo de uma forma resumida, característica do encapsulamento.

Dessa forma, a autora amplia o quadro dos processos referenciais com a anáfora encapsuladora.

Processos referenciais atrelados à menção			
Introdução Referencial	Anáfora (continuidade referencial)		
	Anáforas diretas (Correferenciais)	Anáforas indiretas (Não-correferenciais)	
		AI (propriamente ditas)	Anáforas encapsuladoras

Figura 10: Cavalcante (no prelo, p.55)

As anáforas são estratégias argumentativas responsáveis por expressar no universo discursivo formas diferentes de expressar pontos de vista do enunciador, recategorizar personagens, resumir estágios de argumentos, por isso se estabelece a interface desse aparato teórico com os recursos metadiscursivos de interação na perspectiva de Hyland (2005a).

Finalizando para nós os processos referenciais, comentaremos o fenômeno da dêixis, que tem como objetivo o enunciador apontar para os elementos que tomem como ponto de origem o falante. Esse processo é responsável por construir os referentes que só serão identificados se levarmos em conta a posição inicial de quem enuncia. Tanto a dêixis pode introduzir objetos do discurso como retomá-los, porém o que torna a expressão dêitica é sabermos quem está enunciando, o local ou o tempo em que se encontra esse enunciador. São formas usadas por nós em nosso cotidiano como podemos constatar no exemplo retirado do Orkut:

(15) D .:

Aqui estou eu novamente... Eu não a esqueço nunca, DOIDA GENIAL!!!

Adooooooooooooooooo você!!! Um beijão...

Saudades das suas aulas maravilhosas e de você, é claro!

Responder

A explicação de Cavalcante (no prelo, p. 59) das formas dêiticas para o exemplo é a seguinte:

O enunciador se coloca, dessa maneira, como o lugar de origem do sistema dêitico, estabelecendo-se como um ponto de referência para as

coordenadas de espaço e tempo do contexto enunciativo imediato. O dêitico “aqui” representa o momento e o local em que o enunciador “D.”, expresso por outro dêitico: “eu”, emite seu ato de fala, dirigindo-se à pessoa com quem dialoga: “você”. Quando mudam as circunstâncias, alterando-se os participantes da comunicação e o tempo/espaço em que se situam, modificam-se os referentes dessas formas dêíticas.

Conforme Filmore (1971) as formas dêíticas podem ser textual, social, pessoal, temporal e espacial. Para a nossa pesquisa, levamos em conta em nossa análise a presença dos dêíticos de pessoa na instância enunciativa dos personagens, ligando-os às macroposições de engajamento.

O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas (KOCH, 2009, p. 61), e os recursos metadiscursivos de interação também constituem uma interação verbal marcando o universo discursivo com expressões de valor argumentativo.

Finda a discussão teórica, passamos ao capítulo seguinte, iniciando com os aspectos metodológicos e apresentando, em seguida, a análise dos dados e discussão dos resultados – a etapa final e mais importante da pesquisa, em que aplicamos as teorias com o fim de analisar como se manifestam os recursos metadiscursivos de interação em texto de sequência narrativa dominante e, a reboque disso, como os mecanismos metadiscursivos podem exercer funções referenciais.



(Quino, 2003)

Velhos saberes, novos fazeres

Este capítulo é responsável pelo procedimento metodológico de como a pesquisa se desenvolveu em relação ao método de abordagem, à delimitação do universo e à explicação do procedimento, com o objetivo de desenvolver um método de pesquisa que nos dê o suporte para atingir os objetivos e verificar as questões de pesquisa. Em seguida, apresentamos a análise e a discussão dos resultados.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.2 MÉTODOS DE ABORDAGEM

A fim de lembrarmos as questões de pesquisa que serão respondidas a partir dessa seção, listá-las-emos a seguir:

- Na perspectiva de Hyland (2005a), com base no posicionamento e no engajamento, pelo fenômeno do metadiscorso se constitui um modelo de discurso interpessoal. Como esse fenômeno se manifesta em textos de sequência narrativa dominante descrita por Adam (2008), especificamente nos gêneros: conto, fábula, lenda e anedota?

- A pesquisa de Hyland (2005a) teve como propósito a investigação dos recursos metadiscursivos de interação em textos de sequência argumentativa, resultando em macrocategorias de engajamento e de posicionamento para os textos de artigos acadêmicos analisados. Quais as microcategorias dos recursos metadiscursivos de interação que se manifestam de forma bastante peculiar em textos de sequência narrativa dominante?

- Tomando por base a proposta de Hyland (2005a) sobre os recursos metadiscursivos de interação em artigos acadêmicos, como se estabelece a

comparação entre o uso de tais recursos metadiscursivos em sequência argumentativa e em sequência narrativa dominante (ADAM, 2008)?

Este estudo requer uma análise de abordagem qualitativa cujo propósito é interpretar dados relativos à natureza dos fenômenos, já que a pesquisa de cunho quantitativo visa predominantemente dados estáticos e a nossa proposta busca no discurso a manifestação dos recursos metadiscursivos de interação em sequência narrativa, dessa forma não nos interessa a quantidade de manifestações e sim a descrição de como elas se apresentam em caráter enunciativo.

Dando procedimento aos métodos de abordagem, trata-se de uma pesquisa indutiva em relação ao método, pois parte de constatações particulares para planos mais abrangentes. Assim, pretendemos descrever como os recursos metadiscursivos se manifestam em textos de sequência narrativa dominante (ADAM, 2008), com base na perspectiva metadiscursiva de Hyland (2005b), utilizando uma pesquisa de cunho qualitativo descritivo, indutivo.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a serem realizados, adotamos nesta investigação a pesquisa descritiva por propormos uma discussão teórica acerca do tema e aplicá-la a um *corpus* que é constituído de material já publicado e/ou disponibilizado na internet.

3.3 MÉTODOS E EXPLICAÇÃO DO PROCEDIMENTO

O *corpus* desta pesquisa é composto de uma amostragem de dezesseis textos divididos em quatro textos para cada gênero de sequência narrativa dominante: a fábula, a lenda, a anedota e o conto. A decisão sobre a escolha de vários gêneros narrativos se deveu ao fato de investigarmos os recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do posicionamento e na perspectiva de engajamento (HYLANAD, 2005a) nesses tipos de gêneros e podermos apresentar possíveis conclusões sobre o modo como se manifestam esses recursos em sequência narrativa dominante (ADAM, 2008) e quais deles desempenham função referencial.

Os textos narrativos foram selecionados por se enquadrarem no modelo prototípico de sequência narrativa proposto por Adam (2008). Elegemos os gêneros já mencionados por não apresentarem uma heterogeneidade sequencial alta, ou seja, a fábula, o conto, a anedota e a lenda apresentam um enquadramento narrativo em termos de sequências (ADAM, 2008). Em seguida, passamos para o processo de digitação quando os textos não se encontravam na internet e quando se faziam presente na rede formatamos conforme regras estabelecidas para o gênero dissertação pela Universidade Federal do Ceará.

A escolha por textos narrativos em nossa investigação justifica-se pelas pesquisas em recursos metadiscursivos de interação, em sua grande maioria, privilegiarem textos argumentativos e partimos do pressuposto de que qualquer tipo de texto é constitutivo desses recursos.

Para a análise dos dados, o total de textos³¹ dos gêneros narrativos conto, fábula, lenda e anedota³² foram enquadrados, inicialmente, conforme a ilustração já descrita na seção 2.2.3 desta dissertação, na proposta de sequência narrativa de Adam (2008) e indicadas as macroproposições em negrito nos textos que compõem o nosso *corpus*:

O passo seguinte foi utilizar quadros distintos, como podemos identificar a seguir, para os recursos metadiscursivos de interação das macrocategorias de posicionamento e de engajamento com suas respectivas microcategorias a fim de identificar os possíveis recursos nos textos narrativos.

³¹ 16 textos que podem ser vistos e lidos em anexo desta dissertação.

³² 4 textos para cada gênero.

QUADRO ESPECÍFICO DO MODELO DE INTERAÇÃO DE POSICIONAMENTO			
ATENUADOR	INTENSIFICADOR	MARCADOR DE ATITUDE	AUTOMENÇÃO

Quadro 1: Modelo do quadro específico dos recursos de interação de posicionamento de Hyland (2005b)

QUADRO ESPECÍFICO DO MODELO DE INTERAÇÃO DE ENGAJAMENTO				
PRONOMES DO LEITOR	APARTES PESSOAIS	DIRETIVAS	PERGUNTAS	CONHECIMENTO COMPARTILHADO

Quadro 2: Modelo do quadro específico dos recursos metadiscursivos de interação de engajamento de Hyland (2005b)

Com a identificação das proposições da sequência narrativa e das macrocategorias de posicionamento e de engajamento com suas respectivas microcategorias, cruzaremos os dados a fim de descrever como os recursos metadiscursivos de interação se manifestam em textos escritos com sequência narrativa. Podemos visualizar esse levantamento dos dados com os seguintes quadros de posicionamento e de engajamento:

QUADRO ESPECÍFICO DE POSICIONAMENTO NAS FASES DA SEQUÊNCIA NARRATIVA				
Texto narrativo ³³				
Fases da sequência	Atenuador	Intensificador	Marcador de atitude	Automenção
Pn0				
Pn1				
Pn2				
Pn3				
Pn4				
Pn5				
PnΩ				

Quadro 3: Modelo do quadro específico de posicionamento nas fases da sequência narrativa

³³ Na análise dos dados, ao invés de texto narrativo, constará o nome do gênero analisado.

QUADRO ESPECÍFICO DE ENGAJAMENTO NAS FASES DA SEQUÊNCIA NARRATIVA					
Texto narrativo					
Fases da sequência	Pronomes do leitor	Apartes pessoais	Diretivas	Perguntas	Conhecimento compartilhado
Pn0					
Pn1					
Pn2					
Pn3					
Pn4					
Pn5					
Pn Ω					

Quadro 4: Modelo do quadro específico de engajamento nas fases da sequência narrativa

Os quadros de números 1 e 2 são uma síntese de nossa análise dos textos narrativos dos gêneros do discurso fábula, lenda, conto e anedota. Os outros mencionados nesta seção foram mostrados com o objetivo de guiar o coenunciador para o entendimento do nosso procedimento metodológico.

Decidimos, no decorrer desta pesquisa, não expormos os textos enquadrados nos quadros porque concordamos com o princípio da Linguística Textual de que o texto deve ser compreendido em sua totalidade e se apresentarmos a análise somente a partir da macroproposições e os recursos metadiscursivos de interação que se manifestam em sequência narrativa corremos o risco de não nos fazermos ser claras e compreendidas em nossa análise. Dessa forma, utilizamos os quadros para visualizarmos a manifestação dos recursos metadiscursivos de interação nos textos investigados. Nesta etapa, optamos por apresentar os textos narrativos na íntegra com sua respectiva análise da sequência narrativa de Adam (2008) e das macrocategorias e microcategorias dos recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do posicionamento e do engajamento de Hyland (2005a).

Utilizamos apenas um modelo de quadro para a análise da referenciação, com o objetivo de facilitar a identificação dos processos referenciais na análise dos

dados e não poluir o texto analisado com tantas informações. Para identificarmos em qual proposição está a expressão referencial, apontamos ao lado desta a proposição (Pn) descrita no texto.

QUADRO ESPECÍFICO DA REFERENCIAÇÃO		
Título do texto e/ou gênero		
Introdução referencial	Anáfora	Dêixis

Quadro 5: Modelo de referenciação de Cavalcante (2003)

3.4 RESULTADOS DA ANÁLISE DOS TEXTOS E DISCUSSÃO

Apresentamos os resultados de nossa análise de como os recursos metadiscursivos de interação se manifestam em textos escritos em sequência narrativa. As sequências serão segmentadas conforme modelo de Adam (2008) e identificadas em negrito no início de cada macroproposição. Os recursos metadiscursivos de interação de posicionamento serão identificados em negrito e as suas respectivas microcategorias se farão presentes ao lado em caixa alta, ou seja, escritas com letras maiúsculas entre colchetes. Já a macrocategoria de engajamento está sendo identificada sublinhada e as microcategorias também serão expostas em caixa alta ao lado das palavras ou expressões sublinhadas entre colchetes. Não destacamos como recurso metadiscursivo apenas o sintagma nominal e, sim, em muitas situações, frases, orações, como também períodos. Assim fizemos, porque isso se faz necessário para o entendimento do recurso metadiscursivo no contexto da narrativa, já que nem sempre é possível localizar com precisão uma única expressão de engajamento e/ou de posicionamento. Já para os processos referenciais, pinçamos apenas o objeto do discurso, a entidade, dentro do recurso metadiscursivo de interação.

(1) Gênero conto:

Uma Vela para Dario (DALTON TREVISAN)

(Pn1 - Situação inicial) Dario **vinha apressado** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM], guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, **diminuiu o passo até parar** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM],

encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. **(Pn2 - Nó)Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM/INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM]. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se **mais um pouco** [INTENSIFICADOR], **estendido agora** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. **(Pn3 - Reação)Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM].

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, **embora não o pudesse ver** [MARCADOR DE ATITUDE]. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram despertadas e de pijama acudiram à janela. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha **gritou** [INTENSIFICADOR] que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, **protestou** [INTENSIFICADOR] o motorista: quem pagaria a corrida?[PERGUNTA DO PERSONAGEM] Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede - **não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.** [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO DO PERSONAGEM]

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, **além do mais, muito pesado** [INTENSIFICADOR]. **Foi largado** [MARCADOR DE ATITUDE] na porta de uma peixaria. **Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las** [INTENSIFICADOR].

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, **gozavam as delícias da noite** [INTENSIFICADOR]. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, **sem o relógio de pulso** [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO DO PERSONAGEM].

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados - com vários objetos - de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade; sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de **mais de duzentos curiosos** [INTENSIFICADOR] que, a essa hora, **ocupavam toda a rua e as calçadas** [INTENSIFICADOR]:era a polícia. **O carro negro** [INTENSIFICADOR] investiu a multidão. **Várias pessoas** [INTENSIFICADOR] tropeçaram no corpo de Dario, que **foi pisoteado** [MARCADOR DE ATITUDE] **dezessete vezes** [INTENSIFICADOR].

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo - só podia destacar umedecida com

sabonete [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]. Ficou decidido que o caso era com o rabeção.

(Pn4 - Desenlace)A última boca repetiu — **Ele morreu, ele morreu** [INTENSIFICADOR]. A gente começou a se dispersar. **Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim** [INTENSIFICADOR]. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso [MARCADOR DE ATITUDE] despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. **Apenas um homem** [INTENSIFICADOR] morto e a multidão se espalhou, **as mesas do café ficaram vazias** [INTENSIFICADOR]. Na janela **alguns moradores** [ATENUADOR] com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto **há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva** [INTENSIFICADOR].

Fecharam-se uma a uma as janelas e, **três horas depois** [INTENSIFICADOR], lá estava Dario à espera do rabeção. **(Pn5 – Situação Final) A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM]. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

Inicialmente nossas constatações se referem às macrocategorias dos recursos metadiscursivos de interação. O marcador posicionamento se evidencia em relação ao marcador engajamento, pois se faz presente nesta narrativa a voz do narrador que em diversos momentos emerge as ações do personagem Dario ao interlocutor, expressando, principalmente, as atitudes decorridas ao longo da narrativa do personagem que vai, aos poucos, perdendo o seu viço. Um convite ao interlocutor em penetrar na cena da narrativa e não uma concordância com os julgamentos e opiniões ditas no discurso.

As microcategorias de posicionamento marcantes ao longo da narrativa são os marcadores de atitude e os intensificadores. Podemos observar que há a sobreposição³⁴ nessas duas macrocategorias que ora indicam a atitude do personagem Dario expressa pelo narrador, MARCADOR DE ATITUDE, e ao mesmo tempo tornam claras e expressam a certeza das atitudes do personagem principal também mostrada pelo narrador, INTENSIFICADOR: **Dario abriu a boca, moveu os**

³⁴ A sobreposição dos recursos metadiscursivos de interação também foi constatada por Faria (2009) em textos escolares opinativos.

lábios, não se ouviu resposta [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM/INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM].

Categorizamos no trecho acima as microcategorias de marcador de atitude e de intensificador como ambas sendo uma marca específica do personagem e não do narrador, pois estão a serviço daqueles que desenvolvem as ações e os estados nos textos analisados de sequência narrativa. Estes marcadores, a nosso ver, passam a ser específicos do texto narrativo que reforça o nosso ponto de vista de que há uma especificidade a qual irá se tornar evidente conforme a sequência dominante investigada, ou seja, haverá diferenças nos recursos metadiscursivos de interação em diferentes sequências dominantes investigadas.

Os atenuadores quase não se fazem presentes no conto analisado o que difere da pesquisa de Hyland, cuja análise se deu em textos de sequência argumentativa em diferentes áreas do conhecimento e marca a recorrência desse tipo de marcador. Por amenizarem o grau de certeza e gerarem a dúvida para se chegarem a certo grau de precisão, este marcador se distanciou do conto que buscou uma forte intensificação e atitude ao longo da narrativa e obteve presença apenas quando deixou claro que de muitas pessoas que moravam no prédio apenas “**alguns moradores** [ATENUADOR] com almofadas para descansar os cotovelos.” observavam a vida de Dario esvaindo-se.

A macrocategoria de engajamento foi marcada apenas pela microcategoria APARTE PESSOAL a qual é responsável por orientar o interlocutor e fazem interrupções no discurso com o objetivo de inserir comentários: “O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM].” Nesta situação de contexto há um engajamento do interlocutor que traz na narrativa uma informação do personagem, mas com o objetivo de orientar o coenunciador de que há a degradação do ser humano pelo próprio homem em não conter mais a identificação de Dario em seus bolsos.

Em textos de sequência argumentativa, Hyland (2005a) mostra que o APARTE PESSOAL se faz presente no texto porque além de orientar o leitor revela

os comentários do enunciador sobre seus argumentos com o objetivo de convencer o seu interlocutor das ideias determinadas no contexto exposto. Já em textos de sequência narrativa, como no conto analisado, esse recurso determina comentários referentes ao personagem e não ao enunciador. É a voz do enunciador que está atrás do narrador.

Outro caso de sobreposição do texto em análise é das macrocategorias de posicionamento e de engajamento na seguinte situação de contexto: “Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, **sem o relógio de pulso** [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO]. A expressão **sem o relógio de pulso** demarca a presença do personagem que se faz presente através do narrador e interage com o interlocutor, invocando a atenção deste para o discurso.

Na seção Discussão dos resultados, estabelecemos uma comparação com os demais textos de sequência narrativa dominante do gênero conto que contemplam o *corpus*, porém com a análise do conto Uma vela para Dario já observamos uma especificidade para os recursos metadiscursivos de interação de posicionamento e de engajamento em textos narrativos do gênero conto quando demarcamos alguns marcadores como sendo específicos do personagem da narrativa, ou seja, eles só se denominam como marcador de efeito *persona* por estarem na tessitura do texto com essa função.

No que se refere à referência, atentemos aos processos sintetizados no seguinte quadro:

QUADRO ESPECÍFICO DA REFERENCIAÇÃO		
Uma vela para Dario - Conto		
Introdução referencial	Anáfora	Dêixis
Guarda-chuva (Pn1) A esquina (Pn1)	A boca (Pn2) Os lábios (Pn2) O (Pn2) Bolhas de espuma (Pn3) No canto da boca (Pn3) O rosto (Pn3) Lhe (Pn3) Lás (Pn3)	Agora (Pn2)

	Os bolsos vazios (Pn3) Ele (Pn4) O retrato de um morto (Pn4) A cabeça... o paletó... dedo sem aliança (Pn5)	
--	--	--

Quadro 6: Modelo de referência para o conto

Alguns recursos metadiscursivos, que também são processos referenciais, são identificados como marcadores de atitude (a boca), intensificadores (bolhas de espuma) nas macrocategorias de posicionamento e aparte pessoal (os bolsos vazios) na macrocategoria de engajamento. Nos textos analisados do gênero conto, sobressaem-se estes recursos metadiscursivos que, como já dito, são processos referenciais. Há que se observar que, em sua grande maioria, são anafóricos, diretos ou indiretos.

Com exceção da proposição 1 (Pn1), há a presença dos processos referenciais, assim como os recursos metadiscursivos de interação no texto narrativo conto. Além do texto se enquadrar no que Adam chama descrição prototípica mínima, esquema da sequência narrativa³⁵, ambos os fenômenos são fortemente marcados no discurso.

Ressaltamos a importância da sobreposição dos recursos metadiscursivos e dos processos referenciais porque, além de ambos os fenômenos serem constituintes de qualquer texto, eles cumprem funções distintas, mas complementares. Como defende Hyland (2005b), os intensificadores demarcam uma certeza, uma convicção no posicionamento do enunciador, e no gênero conto esse recurso, além de intensificar as ações da personagem, foi responsável por recategorizar o referente do personagem principal, caracterizando-o como um moribundo indigente (os bolsos vazios, a boca, bolhas de espuma). Tais anáforas indiretas recategorizadoras, nas narrativas, são fundamentais para a marcação de pontos de vista do narrador, que, por esse expediente, marca sua atitude ante o dizer e engaja o leitor na cenografia descrita.

(2) Gênero anedota:

³⁵ Para visualizar o esquema da sequência narrativa de Adam, ver figura 7.

(Pn1 – Situação inicial)O médico casado estava tendo um caso com sua enfermeira [MARCADOR DE ATITUDE]. **(Pn2 - Nó)**Certo dia ela disse a ele que estava grávida. **Não querendo** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM] que sua esposa soubesse, ele deu uma quantia de dinheiro para a enfermeira e a mandou para a Itália para ter o bebê. **(Pn3 – Re-ação)-** Mas como vou te avisar quando o bebê nascer? [PERGUNTA DO PERSONAGEM] - Mande um cartão postal e escreva no verso "spaguetti" [DIRETIVA DO PERSONAGEM]. **Sem ter outra alternativa** [POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM] a enfermeira pegou o dinheiro e voou para a Itália. Seis meses se passaram e um **belo dia** [INTENSIFICADOR] a esposa do médico telefonou para ele no consultório. **(Pn4 - Desenlace)- Querido** [ATENUADOR], chegou um cartão postal da Europa e eu não consigo entender o significado da mensagem... - Quando eu chegar em casa, eu explico - disse o médico, já sabendo o teor da carta. Chegando em casa ele pegou o cartão, **leu** [POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM] e **caiu duro** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM] para trás. **(Pn5 – Situação final)**No cartão estava escrito: "Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsichas e almôndegas, dois sem"!!! [CONHECIMENTO COMPARTILHADO]

<http://www.aindamelhor.com/humor/piadas41.php>

Podemos observar em nossa análise da anedota que há uma maior concentração das macrocategorias de posicionamento do que de engajamento como constatamos no conto “Uma vela para Dario”. O posicionamento também não demarca uma concordância com as opiniões ou julgamentos do narrador e, sim, demarca as ações dos personagens.

Outro ponto incomum da anedota com o conto é dos intensificadores se fazerem presentes ao longo da narrativa, porém se referem aos personagens médico e enfermeira quase que exclusivamente, revelando uma convicção. Já os marcadores de atitude no contexto da anedota analisada não se apresentam no texto do mesmo modo como se comportaram no conto de Dalton Trevisan. Na anedota em discussão, constatamos uma ausência desses recursos os quais em uma mesma expressão denominam duas microcategorias ou macrocategorias.

Apesar dessa diferença entre os textos de sequência narrativa conto e anedota, não podemos aqui afirmar que todas as anedotas terão uma classificação dos recursos metadiscursivos de interação igual ou parecida com a descrita acima,

pois tudo depende de inúmeros fatores contextuais³⁶, e os recursos metadiscursivos estão a serviço da argumentação em uma ótica pragmático-discursiva.

Há uma forte presença dos recursos metadiscursivos de interação referindo-se aos personagens, pois eles revelam ao interlocutor tanto um posicionamento das vozes marcadas ao longo da narrativa representadas pelas personagens como um engajamento do interlocutor nas ações descritas no texto.

Identificamos o posicionamento do personagem médico e da enfermeira, que não se enquadram nas microcategorias estabelecidas por Hyland (2005): “**Sem ter outra alternativa** [POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM]” e **leu** [POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM]. Em vista desse fato novo, não previsto nas análises dos gêneros investigados pelos estudiosos da área, decidimos propor esse novo olhar para essa categoria, que contemple o posicionamento do personagem, não do narrador. Trata-se de uma enunciação dentro de outra, pois enfoca a atitude dos personagens.

O engajamento, como já afirmado no início da análise do exemplo 2, traz o interlocutor para o discurso de uma forma amena quando pede do interlocutor um CONHECIMENTO COMPARTILHADO para este poder entender a mensagem da macroposição situação final no discurso: "Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsichas e almôndegas, dois sem" [CONHECIMENTO COMPARTILHADO]!!!” Outra macrocategoria de engajamento presente é a DIRETIVA, responsável por guiar, sendo estabelecida pelo escritor. Este é outro diferencial nas narrativas, pois a diretiva, muitas vezes, vem da voz do personagem.

Podemos, então, inferir que as macrocategorias de posicionamento e de engajamento servem ao conto e à anedota aqui analisados para auxiliar os personagens a intensificarem efeitos de argumentação pragmático-discursiva. Em contrapartida, em textos de sequência argumentativa dos gêneros acadêmicos e opinativos, essas macrocategorias se fazem presentes como forma de sustentar a

³⁶ O conceito por nós defendido de contexto não abrange somente o cotexto, a situação mediada, mas também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que concebe os anteriores (KOCH, 2002) e constrói-se na própria interação.

ideia do escritor e trazer o leitor para o texto a fim de que concordem com as ideias expostas no discurso.

Para os processos referenciais, constatamos a presença de dêiticos pessoais, mas não com finalidades metadiscursivas, mas apenas para referir os interlocutores de cada enunciação. Por outro lado, verificamos sobreposição dos fenômenos com a anáfora (o bebê (Pn3)) e com a introdução referencial (o médico casado (Pn1), um caso (Pn1)) com os recursos metadiscursivos.

Outra situação, até aqui ainda não descrita para os processos referenciais, é o recurso diretiva do personagem. Hyland categoriza essa microcategoria de engajamento como responsável por guiar as ações do leitor e as demarca através do imperativo, porém na anedota emergiu a categoria de diretiva do personagem em que está inserida a expressão *cartão postal* como anáfora indireta.

Uma outra situação não prevista na proposta de Hyland é a intensificação por repetição de termos, como nos dois últimos períodos: “Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsichas e almôndegas, dois sem”.

Além disso, na anedota, percebemos uma instanciação da microcategoria de engajamento identificada como conhecimento compartilhado, mas por um apelo implícito, uma espécie de alusão, que pode ser classificada como anáfora indireta no processo referencial, pois já foi citado o local em que a enfermeira se encontra (Itália) e buscamos em nosso conhecimento (“óculos sociais”, para BLIKSTEIN, 1983), o entendimento para o contexto, que é o responsável por inferirmos a quantidade de bebês nascidos.

Síntese do quando dos processos referenciais do exemplo (2):

QUADRO ESPECÍFICO DA REFERENCIAÇÃO		
Anedota		
Introdução referencial	Anáfora	Dêixis
O médico casado (Pn1) Um caso (Pn1)	Sua enfermeira (Pn1) Bebê (Pn3) Cartão postal (Pn3) Querido (Pn4)	Te (Pn3)

	Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsinhas e almôndegas, dois sem (Pn5)	
--	---	--

Quadro 7: Modelo de referência para a anedota

Gênero Fábula:

O pastor e o leão (MONTEIRO LOBATO)

(Pn1 – Situação inicial) Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de **várias** ovelhas [INTENSIFICADOR], **enfureceu-se** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM], tomou da espingarda e saiu para a floresta.

- Raios me partam se eu não trazer, vivo ou morto, **o miserável ladrão** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] das minhas ovelhas! **Hei de** [automenção do personagem] **campear dia e noite, hei de encontrá-lo, hei de arrancar-lhe os fígados** [A GRADAÇÃO COMO INTENSIFICADORA E COMO MARCADORA DE ATITUDE DO PERSONAGEM]...

(Pn2 - Nó) E, assim, **furioso** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM], a resmungar **as maiores pragas** [INTENSIFICADOR], consumiu **longas** horas [INTENSIFICADOR] em **inúteis investigações** [MARCADOR DE ATITUDE].

Cansado já [MARCADOR DE ATITUDE], lembrou-se de pedir socorro aos céus.

- Valei-me, Santo Antônio! [DIRETIVA DO PERSONAGEM] Prometo-vos [PRONOME DO LEITOR] vinte reses se me fizerdes dar de cara com **o infame salteador** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM].

(Pn3 – Re-ação) Por estranha coincidência [APARTE PESSOAL], assim que o pastorzinho disse aquilo, apareceu diante dele **um enorme** leão [INTENSIFICADOR], de dentes **arreganhados** [INTENSIFICADOR].

(Pn4 - Desenlace) O pastorzinho tremeu **dos pés à cabeça** [INTENSIFICADOR]; **a espingarda caiu-lhe das mãos** [MARCADOR DE ATITUDE]; e tudo quanto pôde fazer foi invocar **de novo** [INTENSIFICADOR] o santo.

(Pn5 – Situação final) Valei-me, Santo Antônio! [DIRETIVA DO PERSONAGEM] Prometi vinte reses se me fizésseis aparecer o ladrão; **prometo agora** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] **o rebanho inteiro** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM] para que o façais desaparecer.

(PnΩ - Moralidade) No momento do perigo é que se conhecem os heróis. [CONHECIMENTO COMPARTILHADO]

O texto do gênero fábula analisado apresenta uma diferença quanto ao enquadramento das proposições da sequência narrativa de Adam (2008) comparada ao conto e à anedota, pois apresenta a proposição PnΩ MORALIDADE, que estabelece uma reflexão, moral, implícita ou explícita – o caso da fábula – acerca dos acontecimentos narrados.

Continuamos com a predominância da macrocategoria de posicionamento em que se sobressaem os marcadores de atitude e os intensificadores, os quais também se fazem presentes no discurso do gênero fábula, referindo-se às ações dos personagens com um grau de intensificação: “**campear dia e noite, hei de encontrá-lo, hei de arrancar-lhe os fígados** [A GRADAÇÃO COMO INTENSIFICADORA E COMO MARCADORA DE ATITUDE DO PERSONAGEM]...”

A microcategoria dos atenuadores não é demarcada como nos outros textos investigados, mesmo em uma pequena proporção. Acreditamos que nesta fábula o contexto não permitiu um grau de incerteza aos seus argumentos, porém verificamos uma intensificação e a presença da atitude afetiva dos personagens compartilhadas com o interlocutor.

Dentre os recursos metadiscursivos de engajamento, na fábula quase todas as microcategorias de Hyland (2005a) se manifestaram, com exceção das PERGUNTAS, o que não aconteceu no conto e na anedota. Mas isso não significa elas estejam ausentes em todas as fábulas. O que nos parece recorrente é o surgimento delas em enunciações travadas entre personagens, o que pode perfeitamente ocorrer em fábulas.

O PRONOME DO LEITOR é responsável por marcar a inclusão direta da audiência e a trazer para dentro do texto; na narrativa em questão é a fala do personagem que está presente nesse recurso metadiscursivo: “Prometo-vos [PRONOME DO LEITOR]” não! É um pronome do leitor, ainda que seja um dêitico pessoal, apesar de não estar se dirigindo ao leitor e sim ao interlocutor interno à narrativa, que é o interlocutor do personagem pastorzinho a Santo Antônio. Esta microcategoria não se fez presente com constância em nossas análises até aqui expressas, mas não quer dizer que não poderá aparecer com maior abundância em demais narrativas de nosso *corpus* ou em outras narrativas.

Outro ponto de destaque na fábula é que na macroproposição da moralidade - PnΩ - existe um apelo ao CONHECIMENTO COMPARTILHADO entre narrador e narratário, que “são de extrema importância no processamento textual”

(KOCH, 2009, p. 45). Nas pesquisas de Hyland, não nos deparamos com a representação de uma macroposição inteira como um recurso metadiscursivo de interação, o qual só costuma ser assinalado na referida pesquisa de Hyland por vocábulos ou expressões. Talvez em várias situações discursivas uma palavra ou apenas uma expressão não deem conta de comprovar a real significação das macrocategorias e das microcategorias de tais recursos metadiscursivos, sendo necessária a demarcação de uma frase, uma oração ou um período, ou uma macroproposição inteira.

Reforçamos o já dito nesta subseção que os recursos metadiscursivos estão a favor da argumentação em uma ótica pragamática-discursiva, por isso nos permite afirmar que não podemos elencar uma lista desses recursos de interação e sim tê-los como uma lista aberta, em que cada situação de contexto poderá ser alterada. Sendo assim jamais poderemos afirmar que tal vocábulo, expressão, macroproposição será sempre um recurso metadiscursivo, pois o contexto é o responsável por gerar essa função.

Vejamos o quadro dos processos referenciais formalizados pelos recursos metadiscursivos de interação na fábula O pastor e o leão:

QUADRO ESPECÍFICO DA REFERENCIAÇÃO		
O pastor e o leão - Fábula		
Introdução referencial	Anáfora	Dêixis
Várias ovelhas (Pn1) O miserável ladrão (Pn1) Santo Antonio (Pn2) Um enorme leão (Pn3)	Lhe (Pn1) As maiores pragas (Pn2) Infame salteador (Pn2) Dentes arreganhados (Pn3) O rebanho inteiro (Pn5)	-----

Quadro 8: Modelo de referenciação para a fábula

O primeiro aspecto a observar é mais uma vez a ausência da dêixis como recurso metadiscursivo, porém apenas como processo referencial (diante dele (Pn3)) aparece na narrativa, “apontando” como o personagem se encontra. Acreditamos que mais uma vez esse processo referencial não se sobreponha às estratégias aqui investigadas por estas não dizerem respeito à localização e à identificação do enunciador, como narrador, nem do coenunciador, como leitor.

Sobressaem-se os marcadores de atitude e os intensificadores na macrocategoria de posicionamento como introdução referencial e anáfora. Já na macrocategoria de engajamento, destacou-se a microcategoria diretiva presente também na anedota. Em ambos os textos, destacou-se a microcategoria diretiva do personagem.

Diferentemente da anedota, o conhecimento compartilhado como microcategoria de engajamento não se aplicou a nenhuma das expressões referenciais categorizadas, mas continua a necessidade do conhecimento de mundo para conseguir o entendimento do período no contexto.

(3) Gênero lenda

Morte de Zumbi (CAMARA CASCUDO)

(Pn1 – Situação inicial)Na Serra da Barriga, em sua encosta oriental, viveram, sessenta e sete anos, os negros livres dos Palmares [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM].

Tinham fugido de **várias fazendas** [INTENSIFICADOR], engenhos, cidades e vilas, **reunindo-se, agrupando-se** [MARCADOR DE ATITUDE] derredor de chefes, fundando uma administração, um estado autônomo, defendido pelos guerreiros que eram, **nas horas de paz** [ATENUADOR], plantadores de roça e criadores de gado.

Elegiam vitaliciamente, um Zumbi, o Senhor da força militar e da lei tradicional [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM].

Não havia ricos, nem pobres, nem furtos, nem injustiças. Três cercas de madeira rodeavam, numa tríplice paliçada, o casario de **milhares e milhares** [INTENSIFICADOR] de homens.

Ao princípio, para viver, **(Pn2 – Nó)** desciam os negros armados **assaltando, depredando, carregando** [GRADAÇÃO COMO INTENSIFICADORA E COMO MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] o butiu para as atalaias de sua fortaleza de pedra inacessível.

Depois o governo nasceu e com ele a ordem; a produção regular **simplificou** [ATENUADOR] comunicações pacíficas, em vendas e compras nos lugarejos vizinhos. Constituiu-se a família e nasceram os cidadãos palmarinos.

As plantações ficavam nos intervalos das cercas, vigiadas pelas guardas de **duzentos homens** [INTENSIFICADOR], de **lanças reluzentes, longas espadas e algumas armas de fogo** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM].

(Pn3 – Re-ação)No pátio central, como numa aringa africana [CONHECIMENTO COMPARTILHADO], residia o Zumbi, o Rei naquela república negra[DIRETIVA DO PERSONAGEM], o primeiro governo livre em todas as terras americanas [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO].

Ali o Zumbi **distribuía justiça, exercitava as tropas, recebia festas e acompanhava o culto** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM], religião espontânea, aculturação de catolicismo com os rituais do continente negro.

Vinte vezes [INTENSIFICADOR], durante a existência, foram atacados, com sorte diversa [DIRETIVA DO PERSONAGEM], mas os Palmares resistiam, **espalhando-se, divulgando-se, atraindo a esperança** [MARCADOR DE ATITUDE] de **todos** [INTENSIFICADOR] os escravos chibateados nos eitos de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

A república palmarina desorganizava o ritmo do trabalho escravo em toda a região. **Dia a dia** [INTENSIFICADOR], fugiam novos cativos, futuros soldados do Zumbi, com **seu manto, sua espada e sua lança real** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM].

Por fim, depois de **investidas numerosas** [INTENSIFICADOR], em 1693, **(pn4 – Desenlace) sete mil homens** [INTENSIFICADOR] veteranos, comandados por **grandes chefes** [INTENSIFICADOR] de guerra, marcharam sobre Palmares.

Debalde o Zumbi **levou suas forças** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] ao combate, repelindo e vencendo. O inimigo **recompunha-se** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM], recebendo viveres e munições, quando os negros, sitiados, **se alimentavam de furor e de vingança** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM].

Numa manhã, todo exército atacou ao mesmo tempo, por todas as faces. As paliçadas foram cedendo, abatidas a machado, molhando-se o chão com o sangue desesperado dos negros guerreiros.

Os paulistas de Domingos Jorge Velho; Bernardo Vieira de Melo com as tropas de Olinda; Sebastião Dias com os homens de reforço - foram **avançando** [MARCADOR DE ATITUDE] e **pagando caro** [INTENSIFICADOR] cada polegada que a espada conquistava.

Gritando e morrendo [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM], os vencedores subiam sempre, **despedaçando as resistências, derramando-se como rios impetuosos, entre as casinhas de palha, incendiando, prendendo, trucidando** [MARCADOR DE ATITUDE].

Quando a **derradeira** [ATENUADOR] cerca se espatifou, o Zumbi correu até **o ponto mais alto** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] da serra, de onde o panorama do reino saqueado era completo e vivo. Daí, com seus companheiros, olhou o final da batalha.

Paulistas e olindenses iniciavam a caçada humana, revirando as palhoças, vencendo os últimos obstinados.

(Pn5 – Situação final)Do cimo da serra, o Zumbi **brandiu a lança espelhante, e saltou para o abismo** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM].

Seus generais o acompanharam, numa fidelidade ao Rei e ao Reino vencido.

Em alguns pontos [ATENUADOR] da serra ainda estão visíveis as pedras negras das fortificações.

(PnΩ - Moralidade)E vive ainda a lembrança do último Zumbi, o rei dos Palmares, o guerreiro que viveu na morte seu direito de liberdade e de heroísmo [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]...

Como na fábula, a lenda traz a proposição **PnΩ - Moralidade**, porém esta é apresentada no texto de forma implícita. Outra semelhança é que na mesma proposição a macrocategoria de engajamento se faz presente diferenciando o propósito de invocar a atenção do coenunciador para o discurso com a microcategoria APARTE PESSOAL, a qual se refere ao personagem. Este termo vem ao longo de nossas análises, a nosso ver, como uma forma de completude às microcategorias elencadas por Hyland e a serviço dos textos de sequência narrativa.

Podemos perceber, até aqui, que a macrocategoria de posicionamento em textos de sequência narrativa são recorrentes em nossa análise apesar de não utilizarmos uma pesquisa de cunho quantitativo. A presença das microcategorias marcador de atitude e intensificador são plenamente justificáveis em virtude das demais, sendo aquela responsável por indicar atitude afetiva nos gêneros acadêmicos, segundo Hyland. Nas narrativas, o narrador conduz o narratário a acreditar em uma convivência ali expressa através do cenário de ficção e dos afetos construídos ao longo da história, o que pode se revelar nas ações relativas aos personagens – “**saltou para o abismo** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM]” – ou na narrativa, “**espalhando-se, divulgando-se, atraindo a esperança** [MARCADOR DE ATITUDE]”.

Quanto aos intensificadores em textos de sequência argumentativa, como afirma Hyland, são marcadores apelativos que expressam uma convicção. Já em narrativas, são determinados pela força que estabelecem as atitudes no decorrer das ações dos personagens - “por **grandes chefes** [INTENSIFICADOR]” - e também expressam essa mesma gradação relacionada às atitudes dos personagens, “**Gritando e morrendo** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM]”.

Os atenuadores nas narrativas até aqui investigadas não são tão expressivos; já nos gêneros acadêmicos, eles prevalecem, como constata Hyland em sua pesquisa. Parece-nos que é uma particularidade da narrativa: não há uma preocupação por parte do narrador em amenizar as ações, como já citado anteriormente nas análises anteriores. Mas, os atenuantes podem aparecer na fala dos personagens.

Os marcadores apartes pessoais e conhecimento compartilhado – microcategorias de engajamento – são os recursos metadiscursivos recorrentes nas análises até aqui expostas, o que não nos permite, todavia, afirmar que essa incidência se dará em todos os textos de sequência narrativa. Podemos nos deparar com outros recursos de engajamento expressos no novo modelo de Hyland (2005) com também estes nem serem preponderantes em um determinado contexto, o que é pouco provável.

Deparamo-nos com mais um caso de posicionamento e de engajamento em uma mesma expressão – “**o primeiro governo livre em todas as terras americanas** [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO]” –, porém não nos foi reconhecida a partir das microcategorias elencadas por Hyland (2005) uma classificação para tal recurso metadiscursivo. Justificamos a expressão representar as macrocategorias de posicionamento e de engajamento por demarcarem as atitudes e a autoridade conceitual do narrador e por ser responsável em reconhecer a presença, aqui por trás, do coenunciador respectivamente.

Quanto aos processos referenciais e aos recursos metadiscursivos, no texto narrativo do gênero lenda, houve um equilíbrio entre a ocorrência dos fenômenos. Estes se formalizam nas proposições as quais compõem a descrição mínima prototípica de sequência narrativa de Adam.

Outro ponto a se observar é que o fenômeno da dêixis como recurso metadiscursivo é mais frequente em alguns dos textos analisados, sobretudo nos contos como constatado na análise dos demais contos. Atribuímos isso talvez ao fato de os textos serem mais extensos e permitirem mais a possibilidade de enunciador/narrador apelar para o possível leitor. Nos demais gêneros analisados, essa estratégia pode não ser típica. Como já dito, os textos de sequência narrativa utilizam do artifício de trazer à tona mais vida e verossimilhança ao texto narrado, necessitando dessas estratégias para trazer o coenunciador ao discurso e negociando a sua participação com expressões de engajamento, mas também

havendo um posicionamento do enunciador na figura do personagem ou do narrador.

Deparamo-nos com uma gama de introduções referenciais que passam por praticamente todas as proposições do modelo prototípico de Adam como recurso metadiscursivo na perspectiva do posicionamento e do engajamento. Atentamos também para o fato de que nas análises dos textos anteriores, como nesta, pinçamos parte da expressão como recurso metadiscursivo (Pn1 - os negros livres dos Palmares, APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM) para ser uma expressão referencial (os negros livres, INTRODUÇÃO REFERENCIAL). É possível que, em determinado contexto, conforme a análise, apenas um trecho do recurso metadiscursivo seja uma expressão referencial, como: Pn5 - brandiu a lança espelhante, e saltou para o abismo, MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM e apenas a lança espelhante, ANAFÓRICO CORREFERENCIAL.

Mais uma situação que faz parte do texto narrativo, do mundo narrado, é o direcionamento das microcategorias aos personagens. Contrapõem-se ao texto de sequência argumentativa, mas, ao mesmo tempo, apresentam nuances de interseção, pois as categorias de Hyland no recurso metadiscursivo de interação são identificadas em textos de sequência narrativa dominante, apesar de existirem situações estritamente típicas da narrativa como o marcador de atitude DO PERSONAGEM (Pn2 lanças reluzentes, longas espadas e algumas armas de fogo) para a macrocategoria de posicionamento e para a de engajamento (PnΩ - o guerreiro que viveu na morte seu direito de liberdade e de heroísmo) como aparte pessoal DO PERSONAGEM.

Síntese dos processos referenciais que se sobrepõem aos recursos metadiscursivos na narrativa Morte de Zumbi do gênero lenda:

QUADRO ESPECÍFICO DA REFERENCIAÇÃO		
Morte de Zumbi - Lenda		
Introdução referencial	Anáfora	Dêixis
Os negros livres (Pn1)	O senhor (Pn1)	-----
Várias fazendas (Pn1)	Duzentos homens (Pn2)	
Lanças reluzentes (Pn2)	Algumas armas de fogo (Pn2)	
Longas espadas (Pn2)	O rei (Pn3)	

Todas as terras americanas (Pn3) Sete mil homens (Pn4)	O primeiro governo livre (Pn3) Grandes chefes (Pn4) A lança espelhante (Pn5) O guerreiro (PnΩ)	
---	---	--

Quadro 9: Modelo de referência para a lenda

Na tentativa de nós respondermos às nossas questões de pesquisa, na subseção seguinte, discutimos os dados relativos a todos os textos analisados³⁷ em nosso *corpus*, procurando estabelecer uma síntese das manifestações percebidas nos gêneros de sequência narrativa dominante, para podermos chegar a algumas constatações finais.

3.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apesar de esta subseção ser intitulada DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, esse diálogo foi sendo construído ao longo da análise, pois acreditamos ser necessário, além de apresentar os exemplos, discuti-los.

Nosso foco inicial é a busca pela resposta às questões de pesquisa propostas no início, a partir dos resultados da análise dos dados.

Os textos analisados se aplicam à teoria de Adam (2008) sobre o modelo prototípico de descrição da sequência narrativa, aos quais configuram os modos de organização composicional de um texto. Nos contos e anedotas, todas as proposições são evidenciadas com exceção da PnΩ, encerramento ou avaliação final (moralidade). É encontrada esta proposição, além das demais, nas lendas e nas fábulas analisadas por deixarem clara a moralidade no encerramento do texto. Já nas anedotas e nos contos, esse encerramento é deixado, algumas vezes, em aberto e em outras situações o texto é concluído na situação final (Pn5), como comprovam os seguintes trechos:

³⁷ Na subseção Discussão dos dados, não apresentamos a maioria dos textos na íntegra analisados como fizemos na Análise dos dados, por acreditarmos que pudesse ficar uma discussão exaustiva e longa.

(15) “...(Pn5)Ela mora sozinha. No minúsculo armário de seu minúsculo banheiro há um copo com duas escovas. Uma é a dela: pequena, delicada. A outra, que comprou depois de muito pesquisar, é uma escova amarela, de cabo retorcido, enorme, horrível. Cada vez que ela olha essa escova, deixa escapar um suspiro. E lembra que um dia foi feliz.” (Duas escovas de dente um copo, Moacyr Scliar, conto)

(16) “...(PnΩ) Quem for visitar o Passeio Público, e olhar a “Fonte dos Amores”, verá que somente os dois jacarés, símbolo da cobiça astuciosa, resistiram e estão vivendo, mandíbulas abertas, através dos séculos... (Fonte dos amores, Câmara Cascudo, lenda)

Os recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do posicionamento e do engajamento em textos de sequência narrativa dominante se manifestam de forma diferente da pesquisa desenvolvida por Hyland em textos de sequência argumentativa, artigo científico.

O autor utilizou um *corpus* de 240 textos em oito disciplinas e evoca tanto a abordagem quantitativa quanto qualitativa. Apresenta uma síntese, através de tabelas, das ocorrências dos recursos metadiscursivos de sua pesquisa³⁸. Em nossa pesquisa, buscamos a abordagem qualitativa por não nos interessar a quantidade de recursos e sim a forma como eles se manifestam, como já dito no início deste capítulo.

Os resultados de Hyland mostram que na escrita acadêmica há uma necessidade de o autor se posicionar através de palavras e/ou expressões metadiscursivas, para validar e dar credibilidade aos seus argumentos, e, também, para engajar o leitor, dando destaque ou minimizando a presença de seus leitores no texto (HYLAND, 2005a).

Alguns dos recursos metadiscursivos na macrocategoria de posicionamento se sobressaem com maior frequência nas disciplinas da área de Humanas (atenuador e marcador de atitude) e na macrocategoria de engajamento, também na mesma área, o pronome do leitor e as diretivas. As disciplinas do campo da ciência e da engenharia apresentam uma menor frequência para as duas

³⁸ Os exemplos dos recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do engajamento e do posicionamento da pesquisa de Hyland (2005) e a síntese das tabelas constam no capítulo Entrelaçando teorias: recursos metadiscursivo, sequência e referência desta dissertação.

macrocategorias de interação. Hyland justifica que há uma representação de cada autor em sua escrita, o estilo do autor e o que ele quer dar a entender em seu texto, mas para as disciplinas das áreas de Ciências Humanas e Sociais os posicionamentos pessoais são mais evidentes do que as disciplinas do campo da Ciência e da Engenharia, por estas divulgarem os resultados de pesquisas que envolvem os procedimentos de experimentos. Contudo, Hyland afirma ser necessário, mesmo em uma proporção menor, dependendo do escritor, haver uma negociação com os leitores com o objetivo dos autores trazerem para si confiança e credibilidade de suas pesquisas através de expressões metadiscursivas, sendo este o aspecto da relevância de sua teoria.

Em nossa análise, constatamos que na maioria dos textos há a presença das macrocategorias de posicionamento e de engajamento. Podemos ver nos exemplos seguintes:

(17)...(Pn2)Entrou no apartamento e olhou em volta. Penumbra total. Caminhou até o telefone e desligou **com cuidado** [ATENUADOR], na certa para que o aparelho não tocasse enquanto ele estivesse ali. Isto — pensei [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]— é porque ele **não quer que ninguém** [INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM] note a sua presença: logo, só pode ser um ladrão, ou coisa assim.

Mas não era. **Se fosse** [ATENUADOR] ladrão estaria revistando as gavetas, mexendo em tudo, procurando coisas para levar. (Pn3)O cara — ao contrário [APARTE PESSOAL] — parecia morar **perfeitamente** [INTENSIFICADOR] no ambiente, pois mesmo na penumbra se orientou **muito bem** [INTENSIFICADOR] e andou desembaraçado até uma poltrona, onde sentou e **ficou quieto** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM]... (Testemunha tranquila, Stanislaw Ponte Preta, conto)

(18) (Pn1)Enterrado em dívidas, aquele advogado resolve **se suicidar** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM]. (Pn2)Vai ao meio da rua, joga um litro de gasolina sobre o corpo e **quando vai atear fogo** [POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM], (Pn3)uma mulher o segura pelo braço.

- Não faça isso não [DIRETIVA DO PERSONAGEM] seu moço – diz ela, comovida com a **dramática situação** [INTENSIFICADOR].

- Se o problema é dinheiro, a gente vai dar um jeito.

(Pn4)Ela pega uma sacolinha e **começa a abordar** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM] os carros pedindo auxílio. Vinte minutos depois ela volta com a sacolinha quase cheia.

- Quanto você conseguiu? [PERGUNTA DO PERSONAGEM] – pergunta o advogado, ansioso.

(Pn5) – Não muita coisa. Uns quinze isqueiros e 6 caixas de fósforos...[CONHECIMENTO COMPARTILHADO] (Anedota)

As macrocategorias de engajamento e de posicionamento com suas respectivas microcategorias ocorrem nos textos de sequência narrativa analisados, havendo algumas das microcategorias que se manifestam a serviço do personagem e/ou narrador. Isto se dá porque há mais de uma voz na narrativa (a do personagem, a do narrador e a do enunciador, que se esconde atrás do narrador, em algumas vezes), e elas são analisadas em relação ao modo como se posicionam ou tentam engajar o interlocutor.

Diferente dos textos de sequência argumentativa em que os atenuadores, na maioria das vezes, sobressaem-se, nos de sequência narrativa os intensificadores e os marcadores de atitude são mais presentes, como assinalamos nos exemplos (17 e 18) na macrocategoria de posicionamento. Isso é justificável pelo fato de nas narrativas, não ser uma característica de um determinado gênero, haver um direcionamento ao destinatário, sendo necessário demarcar as atitudes e intensificar as ações do personagem e/ou narrador na construção da narrativa, por isso optamos em nomear essas microcategorias em MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM e INTENSIFICADOR DO PERSONAGEM, por serem próprias do contexto narrativo.

Na macrocategoria de engajamento, nos textos narrativos analisados, de maneira em geral, encontramos as microcategorias do fenômeno metadiscursivo em abundância, exceto os pronomes do leitor. Hyland defende a tese de que, no texto de sequência argumentativa, há a necessidade de o escritor se colocar através das marcas dos pronomes *nós* e *seu*, e, dessa forma, o leitor é engajado no discurso pela interação. Para os textos narrativos, narrador, narratário, e por trás da voz deles a do enunciador e do coenunciador, não se dá essa forma de interação com o uso desses pronomes, pois no mundo narrado a interação de um personagem com outro é marcada pelos diálogos entre eles, e as perguntas levam à reflexão do texto, dentre outras situações.

Os apartes pessoais, as diretivas e o conhecimento compartilhado são as microcategorias que ocorrem para a macrocategoria de engajamento, porém as perguntas, na maioria das vezes, são feitas pelos personagens na sequência

dialogal inserida na narrativa dominante, por isso resolvemos denominá-la como PERGUNTAS DO PERSONAGEM ou DO NARRADOR, conforme assinalada nos exemplos³⁹ (19,20 E 21), a seguir:

(19) (Pn1)O médico casado estava tendo um caso com sua enfermeira. **(Pn2)**Certo dia ela disse a ele que estava grávida. Não querendo que sua esposa soubesse, ele deu uma quantia de dinheiro para a enfermeira e a mandou para a Itália para ter o bebê. **(Pn3)-** Mas como vou te avisar quando o bebê nascer? [PERGUNTA DO PERSONAGEM]...(Anedota)

(20) ...(Pn4)Passos no corredor. Os passos, ou melhor, a pessoa que dava os passos, parou em frente à porta do apartamento. O detalhe era visível pela réstea de luz, que vinha por baixo da porta.

Som de chave na fechadura e a porta se abriu lentamente e logo a silhueta de uma mulher se desenhou contra a luz. Bonita ou feia? [PERGUNTA DO NARRADOR]— pensei eu...(Testemunha tranquila, Stanislaw Ponte Preta, conto)

(21) ...(Pn3)... A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida?[PERGUNTA DO PERSONAGEM] Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede - não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.... (Uma vela para Dario, Dalton Trevisan, conto)

Para os apartes pessoais e as diretivas, o direcionamento ao personagem também se faz presente. Hyland afirma a importância do recurso metadiscursivo aparte pessoal para o escritor expressar a sua vontade e inserir comentários sobre seus argumentos, construindo uma relação com o leitor. Nas narrativas, a inserção dos comentários é feita pelo personagem, mostrada nos exemplos (22 e 23):

(22)(Pn1)Na Serra da Barriga, em sua encosta oriental, viveram, sessenta e sete anos, os negros livres dos Palmares [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM].

Tinham fugido de várias fazendas, engenhos, cidades e vilas, reunindo-se, agrupando-se derredor de chefes, fundando uma administração, um estado autônomo, defendido pelos guerreiros que eram, nas horas de paz, plantadores de roça e criadores de gado.

Elegiam vitaliciamente, um Zumbi, o Senhor da força militar e da lei tradicional [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]...(Morte de Zumbi, Câmara Cascudo, lenda)

³⁹ Decidimos destacar apenas a microcategoria discutida, pois acreditamos que se a análise completa fosse apresentada nos trechos dos exemplos causaria nebulosidade no entendimento ao coenunciador desta dissertação.

(23)...(Pn3)... Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes. O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo - só podia destacar umedecida com sabonete [APARTE PESSOAL DO PERSONAGEM]. Ficou decidido que o caso era com o rabeção... (Uma vela para Dario, Dalton Trevisan, conto)

Já para as diretivas, o autor sustenta como estratégia do leitor observar algo em particular determinado pelo escritor, trazendo possíveis discussões abordadas no discurso - recurso marcado pelo imperativo. Os textos narrativos analisados trazem essa microcategoria com a direção apontada para o personagem descrita nos exemplos (24 e 25).

(24)(Pn1)O médico casado estava tendo um caso com sua enfermeira (Pn2)Certo dia ela disse a ele que estava grávida. Não querendo que sua esposa soubesse, ele deu uma quantia de dinheiro para a enfermeira e a mandou para a Itália para ter o bebê. (Pn3)- Mas como vou te avisar quando o bebê nascer? - Mande um cartão postal e escreva no verso "spaguetti" [DIRETIVA DO PERSONAGEM]... (Aneodota)

(25)...(Pn2)...Cansado já lembrou-se de pedir socorro aos céus.

- Valei-me, Santo Antônio! [DIRETIVA DO PERSONAGEM] Prometo-vos vinte reses se me fizerdes dar de cara com o infame salteador.

(Pn3) Por estranha coincidência, assim que o pastorzinho disse aquilo, apareceu diante dele um enorme leão, de dentes arreganhados.

(Pn4) O pastorzinho tremeu dos pés à cabeça: a espingarda caiu-lhe das mãos; e tudo quanto pôde fazer foi invocar de novo o santo.

(Pn5)Valei-me, Santo Antônio! [DIRETIVA DO PERSONAGEM] Prometi vinte reses se me fizésseis aparecer o ladrão; prometo agora o rebanho inteiro para que o façais desaparecer... (O pastor e o leão, Câmara Cascudo, fábula)

A única microcategoria que não é usada pelo personagem, em nossos dados, é o conhecimento compartilhado – o que não quer dizer que não possa haver em outros textos dos mesmos gêneros. Este marcador busca partilhar os conhecimentos do escritor na interação com o leitor e fazer com que estes possam concordar, ou, até não, com a investigação posta no texto (HYLAND, 2005a). Nas narrativas, o conhecimento compartilhado necessita de um entendimento, de um

conhecimento de mundo, para, muitas vezes, o coenunciador compreender o que está implícito, ou não, na mensagem da narrativa.

(26)...(Pn5)...As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que:

(PnΩ)- Quem vê cara não vê coração.[CONHECIMENTO COMPARTILHADO] (O ratinho, o galo e o rato, Câmara Cascudo, fábula)

(27)... (Pn4)- Querido, chegou um cartão postal da Europa e eu não consigo entender o significado da mensagem...
- Quando eu chegar em casa, eu explico - disse o médico, já sabendo o teor da carta.
Chegando em casa ele pegou o cartão, leu e caiu duro para trás. **(Pn5)**No cartão estava escrito: "Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsichas e almôndegas, dois sem"!!! [CONHECIMENTO COMPARTILHADO] (Anedota)

Esse recurso foi mais recorrente nas fábulas e nas anedotas, e parece mais presente nas proposições finais das narrativas. Acreditamos ser necessário, por parte do enunciador, lançar mão desse recurso no final da narrativa para no encerramento passar a mensagem final ao coenunciador. Nas fábulas, a moral inteira representa o apelo ao conhecimento compartilhado. Nem sempre os demais textos analisados trazem uma moral ou uma avaliação e explícita ligados a um conhecimento compartilhado.

Duas categorias que apareceram nas narrativas não estão presentes, em parte, na proposta de Hyland: POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO DO PERSONAGEM e POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM. Vejamos nos exemplos (28, 29 e 30) as microcategorias respectivamente:

(28)...(Pn3)...A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede - não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata. [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO DO PERSONAGEM]

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. (Uma vela para Dario, Dalton Trevisan, conto)

(29)...(Pn3)No pátio central, como numa aringa africana, residia o Zumbi, o Rei naquela república negra, o primeiro governo livre em todas as terras

americanas [POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO]... (Morte de Zumbi, Câmara Cascudo, lenda)

(30)(Pn4)- Querido, chegou um cartão postal da Europa e eu não consigo entender o significado da mensagem...
- Quando eu chegar em casa, eu explico – disse o médico, já sabendo o teor da carta.
Chegando em casa ele pegou o cartão, **leu** [POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM] e caiu duro para trás.

(Pn5)No cartão estava escrito: “Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsichas e almôndegas, dois sem”!!! (Aneçota)

Identificamos apenas como recursos metadiscursivos de posicionamento e de engajamento do personagem por comungarmos com Hyland a ideia de que o posicionamento é a necessidade do enunciador deixar claros seus argumentos através de atitudes, de julgamentos, e de que o engajamento é responsável por reconhecer a presença do coenunciador e de trazê-la para o discurso. Para os textos narrativos, a centralização é nos personagens com as ações explicitadas pelo narrador, como nos exemplos (28 e 29), não se enquadrando em nenhuma das microcategorias elencadas pelo autor.

O POSICIONAMENTO DO PERSONAGEM também é uma categoria distinta das de Hyland porque ela promove a ação do personagem e defende o posicionamento dessa ação, como no exemplo (30).

Finalizamos essa subseção retomando a importância dos recursos metadiscursivos de interação serem formalizados por expressões referenciais, como mostramos na Análise dos dados. Defendemos, com Cavalcante, que:

as expressões referenciais, sem dúvida alguma, servem como trilhas às quais o coenunciador se aferra para, em cooperação com o enunciador, ir elaborando, por tentativas de inferências, numa abdução contínua, seus caminhos interpretativos,..., das quais fazem parte, necessariamente, a nosso ver, os objetos do discurso. (CAVALCANTE, no prelo, p.85)

E além de as expressões referenciais sobrepor aos recursos metadiscursivos de interação, estes também servem como trilhas organizadoras dos textos/discursos, em que através de pistas utilizadas pelo enunciador ajudam o

coenunciador a reconstruir a arquitetura narrativa de um texto, especificamente retórica, e estabelece uma ligação entre texto e culturas.

As expressões referenciais que se sobrepõem aos recursos metadiscursivos são, principalmente, as anáforas e, depois, as introduções referenciais, tanto nas macrocategorias de posicionamento quanto nas de engajamento, como mostramos nos exemplos (30, 31) assinalados

(30)(Pn1) Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de **várias** ovelhas [INTENSIFICADOR e INTRODUÇÃO REFERENCIAL], enfureceu-se, tomou da espingarda e saiu para a floresta.

- Raios me partam se eu não trazer, vivo ou morto, **o miserável ladrão** [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM e INTRODUÇÃO REFERENCIAL] das minhas ovelhas! Hei de **campear dia e noite, hei de encontrá-lo, hei de arrancar-lhe os fígados** [A GRADAÇÃO COMO INTENSIFICADORA E COMO MARCADORA DE ATITUDE DO PERSONAGEM e lhe como ANÁFORA]... (O pastor e o leão, Câmara Cascudo, fábula)

(31)(Pn1) O **médico casado** [INTRODUÇÃO REFERENCIAL] **estava tendo um caso** [INTRODUÇÃO REFERENCIAL] **com sua enfermeira** [MARCADOR DE ATITUDE e ANÁFORA]. **(Pn2)** Certo dia ela disse a ele que estava grávida. Não querendo que sua esposa soubesse, ele deu uma quantia de dinheiro para a enfermeira e a mandou para a Itália para ter o bebê. **(Pn3 – Re-ação)**- Mas como vou te avisar quando o bebê nascer? [PERGUNTAS DO PERSONAGEM E te bebê como ANÁFORA]

- Mande um cartão postal[ANÁFORA] e escreva no verso "spaguetti" [DIRETIVA DO PERSONAGEM]. Sem ter outra alternativa a enfermeira pegou o dinheiro e voou para a Itália. Seis meses se passaram e um belo dia a esposa do médico telefonou para ele no consultório... (Anedota)

Há situações em que todo o período de uma narrativa é um recurso metadiscursivo e dentro dele consta mais de um processo referencial, exemplo (31) na Pn1: “Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de **várias** ovelhas” [INTENSIFICADOR e INTRODUÇÃO REFERENCIAL]. Isso se dá devido ao fato de o objeto do discurso estar ancorado no fenômeno metadiscursivo e de ser necessário um referente, sintagma nominal, como objeto de discurso.

Em outras situações, o recurso metadiscursivo é a expressão referencial, como no exemplo (30): “Raios me partam se eu não trazer, vivo ou morto, **o**

miserável ladrão” [MARCADOR DE ATITUDE DO PERSONAGEM e INTRODUÇÃO REFERENCIAL].

O processo referencial da dêixis em sobreposição aos recursos metadiscursivos de interação não foi tão recorrente quanto à introdução referencial e à anáfora nas análises dos textos narrativos de nosso *corpus*.

Talvez a escassez da dêixis como recurso metadiscursivo de interação se deva ao fato de nas anedotas e lendas não haver apelo do narrador ao narratário, como pode acontecer em certos contos de certos autores, por questões de ordem estilística.



(Quino, 2003)

Considerações finais

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que os recursos metadiscursivos são constituintes de qualquer discurso por serem recursos convocados pelo enunciador com o propósito de interagir com o coenunciador. A partir disso e pela lacuna nas pesquisas que envolvem o fenômeno porque, até onde sabemos, as investigações privilegiam textos de sequência argumentativa, tomamos o propósito de investigar as manifestações dos recursos metadiscursivos de interação na perspectiva do engajamento e do posicionamento (Hyland, 2005a) em textos de sequência narrativa dominante (Adam, 2008).

Para a primeira questão proposta, cremos que foi possível refutar a nossa hipótese de que o fenômeno se manifesta com as mesmas categorias de Hyland na perspectiva do engajamento e do posicionamento e apresenta, muitas vezes, as microcategorias para cada macrocategoria proposta pelo autor em textos argumentativos e comprovadas em nossa análise em textos narrativos. Mas, em algumas situações, os recursos metadiscursivos se manifestam de forma bastante particular nos textos analisados, desempenhando funções que ora estão direcionadas ao enunciador/narrador, ora aos personagens e também ao coenunciador, o que comprova a nossa segunda questão. Estas constatações, ainda que inferidas a partir de um *corpus* restrito, já bastam para comprovar a diferença dos recursos metadiscursivos em textos de sequência narrativa para os textos de sequência argumentativa, proposta de Hyland (2005a).

Nossa investigação nesta pesquisa deteve-se também em buscar as macrocategorias de posicionamento e de engajamento em textos narrativos e suas possíveis microcategorias elencadas por Hyland, fazendo-nos concluir que elas são presentes e com uma maior preponderância para as de posicionamento. Em nossa análise, surgiram duas categorias próprias da sequência narrativa e por nós cunhadas de: posicionamento do personagem e posicionamento e engajamento do personagem. Esta última está relacionada a situações em que o enunciador com voz de narrador deixa claras as ações, as atitudes e os julgamentos do personagem e

engaja o coenunciador no mundo narrado. E a primeira é responsável por intensificar, via narrador, a ação do personagem, defendendo um posicionamento.

Acreditamos que a sequência textual é responsável pela manifestação de categorias distintas do fenômeno do metadiscorso das propostas por Hyland em sequência argumentativa, conforme comprovamos em nossa análise. Esta conclusão sinaliza para a investigação de como os recursos metadiscursivos se manifestam em outros tipos de modos de organização composicional de um texto, isto é, em outras sequências textuais, a fim de compará-las com a pesquisa de Hyland e com a nossa.

Para a nossa última questão, podemos dizer que a nossa hipótese foi confirmada, pois a análise mostrou que as macrocategorias de posicionamento e de engajamento em sequência argumentativa se apresentam em textos narrativos, e, ao comparar as manifestações em ambas sequências, concluímos que, apesar das macrocategorias se manifestarem, há uma especificidade para a sequência narrativa. Mesmo não apresentando a função de persuadir na voz do enunciador, como acontece em textos de sequência argumentativa, elas apresentam um posicionamento de um enunciador na voz do narrador ou de um personagem e engajam o coenunciador no mundo narrado.

Com isso, pensamos que nossa pesquisa atingiu ao objetivo geral proposto por nós e que contribuiu para os estudos teóricos da lingüística, pois comprovamos que os recursos metadiscursivos de interação são variáveis de acordo com a sequência textual investigada. Este dado é importante para a teoria, pois, até onde sabemos, as pesquisas não se propunham a investigar o fenômeno em sequência diferente da argumentativa.

Outro ponto a ser destacado é a sobreposição dos recursos metadiscursivos de interação aos processos referenciais, mais especificamente a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. Inicialmente, não tínhamos em mente aliar as duas propostas teóricas, mas no decorrer da análise os dados foram revelando a sobreposição e confirmamos que alguns dos recursos metadiscursivos

de interação se sobrepõem aos processos referenciais com ênfase para a anáfora. Com isso, apontamos para uma pesquisa futura a análise da sobreposição dos recursos metadiscursivos de interação com os processos referenciais em outras sequências textuais até então não investigadas.

Além das sugestões já mencionadas para outras pesquisas, acreditamos ser relevante propor um redimensionamento para a proposta de Hyland (2005a) a partir das sequências textuais investigadas, e estabelecer as possíveis aproximações e distanciamentos das macrocategorias e suas microcategorias propostas na pesquisa do autor. Como também, sugerimos que se saia da modalidade escrita para investigar a modalidade falada.

Como implicação pedagógica dos resultados deste estudo, sinalizamos com a possibilidade de aproximar o fenômeno do metadiscorso da sala de aula e, em suas devidas proporções, elaborar uma proposta teórico-metadológica voltada ao professor de língua materna com o objetivo de orientá-lo sobre como o aluno/enunciador pode desenvolver a capacidade de construir sentidos e, sobretudo, obter uma atitude responsiva positiva de seus coenunciadores.

Acreditamos que a pesquisa desenvolvida trouxe uma contribuição aos estudos da Linguística Textual e da Linguística Aplicada, pois tanto colaborou para uma aplicação da proposta de Hyland (em LA) a gêneros de outra natureza, todos materializados por textos de sequência narrativa, como também articulou esse referencial teórico com os pressupostos e interesses analíticos da Linguística Textual. Contribuímos, com isso, para a importante tarefa acadêmica de “desvendar os segredos dos textos” (KOCH, 2002).



(Quino, 2003)

Referências bibliográficas

1. FONTES DE PESQUISA

ADAM, Jean-Michel. Le prototype de la séquence narrative. In: **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992. p. 45-74.

_____. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Quadro teórico de uma tipologia seqüencial. In: BEZERRA, B.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. **Gêneros e Sequências Textuais**. Recife: Edupe, 2009

APOTHÉLOZ, D. Référer sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. In: Enikö N. (Ed). **Pragmatics in 2000**: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference, v. 2. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001, p. 30-38.

ARAÚJO, A. D. **A interação pela linguagem**: um estudo do metadiscurso interpessoal no gênero artigo de pesquisa em inglês. Fortaleza, UECE, 2003.

BAKTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERNARDINO, Cibele Gadelha. **O metadiscurso interpessoal em artigos acadêmicos: espaços de negociações e construção de posicionamentos**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, FALE-POS LIN, 2007.

BIASI-RODRIGUES, B. A abordagem dos gêneros textuais no ensino de língua portuguesa. In: PONTES, A. L. E COSTA, M. A. **O Ensino de língua materna na perspectiva do discurso**: uma contribuição para o professor. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

BONINI, Adair. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair, MOTA ROTH, Désirée. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRONCKART, Jaean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CABRERA, Gustavo Mendiluce. **Estudio comparado inglés/español del discurso biomédico escrito: la secuenciación informativa, la matización asertiva y la conexión argumentativa em La introducción y La discusión de artículos biomédicos escritos por autores nativos y no-nativos**. Tese de Doutorado. Valladolid, Universidade de Valladolid, 2004.

CARVALHO, Ednúsia Pinto de. **OS MARCADORES METADISCURSIVOS EM TEXTOS DIDÁTICOS ESPECIALIZADOS: UM ESTUDO EM CORPORA EM LÍNGUA ALEMÃ**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Processos de referenciação: uma revisão classificatória. CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. (Orgs). In: **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Quatro Comunicação. 2004, CD-Rom, 19p.

_____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. KOCH, I. V., MORATO, E. M., BENTES, A.C. (orgs.). In: **Referenciação e discurso**. São Paulo, 2005, 125-149.

_____ e FARIA, Maria da Graça. **Posicionamento e engajamento em redações dissertativas**. Diadorim, Rio de Janeiro, v.6, p.131-148, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação, sequencialidade temporal e metadiscursividade**. [Comunicação apresentada em mesa redonda por ocasião do Aled] Recife, 2010.

_____. **Referenciação** – sobre coisas ditas e não-ditas. (no prelo).

CIULLA E SILVA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSTA, Maria Helenice Araújo. **Acessibilidade de referentes** – um convite à reflexão. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Expressões referenciais em textos escolares**: a questão da inadequação. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CRISMORE, A. **Talking with readers**: metadiscourse as rhetorical act. New York: Longman, 1989.

FARIA, Maria da Graça. **A metadiscursividade em redações dissertativas de vestibulandos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

FERNANDES, Lindinalva Zagoto. **Gerenciamento de conflitos numa reunião empresarial**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, PUC, 2006.

FILLMORE, C. **Lectures on deixis**. Berkeley: University of California, 1971.

HYLAND, Ken. Persuasion and Context: the pragmatics of academic metadiscourse. In **Journal of curriculum studies**. Vol. 30, p. 437-455.1998.

_____. Boosting, hedging and the negotiation of academic knowledge. In **Text**, 18-(3), 349-382. 1998.

_____. **Metadiscourse**: exploring interaction in writing. Continuum: Londres, 2005 (a).

_____. Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. In **Discourse Studies**. Vol. 7(2), p.173-192, 2005 (b).

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos referenciais na produção de discurso**. D.E.L.T.A.[*online*], v. 14, n. especial, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 28 de agosto de 2010.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Quino. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PASSEGGI et al, A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: BENTES, Ana Christina e LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de Texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEIROZ, Maria Eliete de. **O plano de texto e o plano de discurso na análise textual dos discursos**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/anais/gt22/22.1.pdf. Acesso: 16 de março de 2010.

VANDLE KOPPLE, W. J. Some exploratory discourse on metadiscourse. **College Composition and Communication**. Vol.36 (1), p.82-93, 1985.

2.FONTES DO *CORPUS*

ANEDOTAS

Disponíveis em: <http://www.aindamelhor.com/humor/piadas41.php>

CONTOS

FONSECA, R. Betsy. In: **Histórias de Amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRETA, Stanislaw Ponte. Testemunha Tranquila. In: **Garoto Linha Dura**. São Paulo: Agir, 2009.

SCLIAR, Moacyr. Duas escovas de dente um copo. In: **O Imaginário cotidiano**. São Paulo: Global, 2001.

TREVISAN, Dalton. Uma vela para Dario. In: MORICONI, Ítalo (orgs.). **Os Cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FÁBULAS

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LENDAS

Disponíveis em: <http://memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>

Anexos

CONTOS

Uma vela para Dario

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram despertadas e de pijama acudiram à janela. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado á parede - não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delicias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados - com vários objetos - de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade; sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo - só podia destacar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabeção.

A última boca repetiu — Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto. Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

Betsy

Betsy esperou a volta do homem para morrer.

Antes da viagem ele notara que Betsy mostrava um apetite incomum. Depois surgiram outros sintomas, ingestão excessiva de água, incontinência urinária. O único problema de Betsy até então era a catarata numa das vistas. Ela não gostava de sair, mas antes da viagem entrara inesperadamente com ele no elevador e os dois passearam no calçadão da praia, algo que ela nunca fizera.

No dia em que o homem chegou, Betsy teve o derrame e ficou sem comer. Vinte dias sem comer, deitada na cama com o homem. Os especialistas consultados disseram que não havia nada a fazer. Betsy só saía da cama para beber água.

O homem permaneceu com Betsy na cama durante toda a sua agonia, acariciando o seu corpo, sentindo com tristeza a magreza das suas ancas. No último dia, Betsy, muito quieta, os olhos azuis abertos, fitou o homem com o mesmo olhar de sempre, que indicava o conforto e o prazer produzidos pela presença e pelos carinhos dele. Começou a tremer e ele a abraçou com mais força. Sentindo que os membros dela estavam frios, o homem arranhou para Betsy uma posição confortável na cama. Então ela estendeu o corpo, parecendo se espreguiçar, e virou a cabeça para trás, num gesto cheio de langor. Depois esticou o corpo ainda mais e suspirou, uma exalação forte. O homem pensou que Betsy havia morrido. Mas alguns segundos depois ela emitiu outro suspiro. Horrorizado com sua meticulosa atenção o homem contou, um a um, todos os suspiros de Betsy. Com o intervalo de alguns segundos ela exalou nove suspiros iguais, a língua para fora, pendendo do lado da boca. Logo ela passou a golpear a barriga com os dois pés juntos, como fazia ocasionalmente, apenas com mais violência. Em seguida, ficou imóvel. O homem passou a mão de leve no corpo de Betsy. Ela se espreguiçou e alongou os membros pela última vez. Estava morta. Agora, o homem sabia, ela estava morta.

A noite inteira o homem passou acordado ao lado de Betsy, afagando-a de leve, em silêncio, sem saber o que dizer. Eles haviam vivido juntos dezoito anos.

De manhã, ele a deixou na cama e foi até a cozinha e preparou um café puro. Foi tomar o café na sala. A casa nunca estivera tão vazia e triste.

Felizmente o homem não jogara fora a caixa de papelão do liquidificador. Voltou para o quarto. Cuidadosamente, colocou o corpo de Betsy dentro da caixa. Com a caixa debaixo do braço caminhou para a porta. Antes de abri-la e sair, enxugou os olhos. Não queria que o vissem assim.

Testemunha tranquila

Camarada chegou assim com ar suspeito, olhou prós lados e — como não parecia ter ninguém por perto — forçou a porta do apartamento e entrou. Eu estava parado olhando, para ver no que ia dar aquilo. Na verdade eu estava vendo nitidamente toda a cena e senti que o camarada era um mau caráter.

E foi batata. Entrou no apartamento e olhou em volta. Penumbra total. Caminhou até o telefone e desligou com cuidado, na certa para que o aparelho não tocasse enquanto ele estivesse ali. Isto — pensei — é porque ele não quer que ninguém note a sua presença: logo, só pode ser um ladrão, ou coisa assim.

Mas não era. Se fosse ladrão estaria revistando as gavetas, mexendo em tudo, procurando coisas para levar. O cara — ao contrário — parecia morar perfeitamente no ambiente, pois mesmo na penumbra se orientou muito bem e andou desembaraçado até uma poltrona, onde sentou e ficou quieto:

— Pior que ladrão. Esse cara deve ser um assassino e está esperando alguém chegar para matar — eu tornei a pensar e me lembro (inclusive) que cheguei a suspirar aliviado por não conhecer o homem e — portanto — ser difícil que ele estivesse esperando por mim. Pensamento bobo, de resto, pois eu não tinha nada a ver com aquilo.

De repente ele se retesou na cadeira. Passos no corredor. Os passos, ou melhor, a pessoa que dava os passos, parou em frente à porta do apartamento. O detalhe era visível pela réstea de luz, que vinha por baixo da porta.

Som de chave na fechadura e a porta se abriu lentamente e logo a silhueta de uma mulher se desenhou contra a luz. Bonita ou feia? — pensei eu. Pois era uma graça, meus caros. Quando ela acendeu a luz da sala é que eu pude ver. Era boa às pampas. Quando viu o cara na poltrona ainda tentou recuar, mas ele avançou e fechou a porta com um pontapé... e eu ali olhando. Fechou a porta, caminhou em direção à bonitinha e pataco... tacou-lhe a primeira bolacha. Ela estremeceu nos alicerces e pimpa... tacou outra.

Os caros leitores perguntarão: — E você? Assistindo aquilo tudo sem tomar uma atitude? — a pergunta é razoável. Eu tomei uma atitude, realmente. Desliguei a televisão, a imagem dos dois desapareceu e eu fui dormir.

Duas escovas de dente um copo

No começo, era só amizade: colegas de faculdade resolveram repartir o aluguel de um pequeno apartamento. Aparentemente nada tinha a ver com o sexo, mas já na segunda noite ele se introduziu na cama dela e a partir daí nasceu uma paixão furiosa, uma paixão que ela, como disse às amigas, jamais tinha experimentado. Escusado dizer que estavam muito felizes, os dois, e que se congratulavam pela ideia que tinham tido, de partilhar a moradia.

Os meses passaram e, como sempre acontece, a rotina foi substituindo a paixão. Não que fosse uma rotina desagradável, pelo contrário: ambos gostavam das mesmas coisas, dos mesmos livros, dos mesmos CDs, da mesma comida. Descobriram que a calma convivência pode ser tão gratificante quanto o sexo. E ele se declarava muito feliz.

Ela também... Ela também. Mas na verdade, não se sentia inteiramente feliz. Por causa de um detalhe: o banheiro.

Havia um único banheiro. Minúsculo, com um armário igualmente minúsculo. Nesse armário, guardavam o mínimo de coisas possível: pente, escova para cabelo, desodorante, alguns frascos de remédio. Ah sim, e o copo com as duas escovas de dentes.

Esse copo incomodava-a. Muito. Aliás, não exatamente o copo: as escovas. E não exatamente as escovas: a escova. A dele.

Era uma escova (o que se justificava: ele tinha belos, mas enormes dentes), com um cabo retorcido, e, o que era pior, uma cor horrível, um amarelo gema-de-ovo, cuja visão a deixava doente. A escova dela, ao contrário, era pequena, delicada, de um azul muito pálido. Ou seja: a escova amarela dominava aquele espaço. A escova amarela afirmava, de forma gritante, a sua superioridade. E aquilo ela não podia suportar.

Várias vezes pediu-lhe que trocasse de escova. No começo, ele levou na brincadeira, não deu bola. Quando ela insistiu, respondeu de maus modos. Pela primeira vez, brigaram, ela chorou.

A briga repetiu-se: acabaram por se separar. E, separados, ela descobriu o quanto o amava. Telefonou-lhe, implorou por uma reconciliação. Inútil: ele já tinha outra namorada.

Ela mora sozinha. No minúsculo armário de seu minúsculo banheiro há um copo com duas escovas. Uma é a dela: pequena, delicada. A outra, que comprou depois de muito pesquisar, é uma escova amarela, de cabo retorcido, enorme, horrível. Cada vez que ela olha essa escova, deixa escapar um suspiro. E lembra que um dia foi feliz.

LENDAS

Morte de Zumbi

Na Serra da Barriga, em sua encosta oriental, viveram, sessenta e sete anos, os negros livres dos Palmares.

Tinham fugido de várias fazendas, engenhos, cidades e vilas, reunindo-se, agrupando-se derredor de chefes, fundando uma administração, um estado autônomo, defendido pelos guerreiros que eram, nas horas de paz, plantadores de roça e criadores de gado.

Elegiam vitaliciamente, um Zumbi, o Senhor da força militar e da lei tradicional.

Não havia ricos, nem pobres, nem furtos, nem injustiças. Três cercas de madeira rodeavam, numa tríplice paliçada, o casario de milhares e milhares de homens.

Ao princípio, para viver, desciam os negros armados assaltando, depredando, carregando o butiu para as atalaias de sua fortaleza de pedra inacessível.

Depois o governo nasceu e com ele a ordem; a produção regular simplificou comunicações pacíficas, em vendas e compras nos lugarejos vizinhos. Constituiu-se a família e nasceram os cidadãos palmarinos.

As plantações ficavam nos intervalos das cercas, vigiadas pelas guardas de duzentos homens, de lanças reluzentes, longas espadas e algumas armas de fogo.

No pátio central, como numa aringa africana, residia o Zumbi, o Rei naquela república negra, o primeiro governo livre em todas as terras americanas.

Ali o Zumbi distribuía justiça, exercitava as tropas, recebia festas e acompanhava o culto, religião espontânea, aculturação de catolicismo com os rituais do continente negro.

Vinte vezes, durante a existência, foram atacados, com sorte diversa, mas os Palmares resistiam, espalhando-se, divulgando-se, atraindo a esperança de todos os escravos chibateados nos eitos de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

A república palmarina desorganizava o ritmo do trabalho escravo em toda a região. Dia a dia fugiam novos cativos, futuros soldados do Zumbi, com seu manto, sua espada e sua lança real.

Por fim, depois de investidas numerosas, em 1693, sete mil homens veteranos, comandados por grandes chefes de guerra, marcharam sobre Palmares.

Debalde o Zumbi levou suas forças ao combate, repelindo e vencendo. O inimigo recompunha-se, recebendo viveres e munições, quando os negros, sitiados, se alimentavam de furor e de vingança.

Numa manhã, todo exército atacou ao mesmo tempo, por todas as faces. As paliçadas foram cedendo, abatidas a machado, molhando-se o chão com o sangue desesperado dos negros guerreiros.

Os paulistas de Domingos Jorge Velho; Bernardo Vieira de Melo com as tropas de Olinda; Sebastião Dias com os homens de reforço - foram avançando e pagando caro cada polegada qua a espada conquistava.

Gritando e morrendo, os vencedores subiam sempre, despedaçando as resistências, derramando-se como rios impetuosos, entre as casinhas de palha, incendiando, prendendo, trucidando.

Quando a derradeira cerca se espatifou, o Zumbi correu até o ponto mais alto da serra, de onde o panorama do reino saqueado era completo e vivo. Daí, com seus companheiros, olhou o final da batalha.

Paulistas e olindenses iniciavam a caçada humana, revirando as palhoças, vencendo os últimos obstinados.

Do cimo da serra, o Zumbi brandiu a lança espelhante, e saltou para o abismo.

Seus generais o acompanharam, numa fidelidade ao Rei e ao Reino vencido.

Em alguns pontos da serra ainda estão visíveis as pedras negras das fortificações.

E vive ainda a lembrança do último Zumbi, o rei dos Palmares, o guerreiro que viveu na morte seu direito de liberdade e de heroísmo...

Barba Ruiva

Aqui está a lagoa de Paranaguá, limpa como um espelho e bonita como noiva enfeitada.

Espraia-se em quinze quilômetros por cinco de largura, mas não era, tempo antigo, assim grande, poderosa como um braço de mar. Cresceu por encanto, cobrindo mato e caminho, por causa do pecado dos homens.

Nas salinas, ponta leste do povoado de Paranaguá, vivia uma viúva com três filhas. O Rio Fundo caía numa lagoa pequena no meio da várzea.

Um dia, não se sabe como, a mais moça das filhas da viúva adoeceu e ninguém atinava com a moléstia. Ficou triste e pensativa.

Estava esperando menino e o namorado morrera sem ter ocasião de levar a moça ao altar.

Chegando o tempo, descansou a moça nos matos e, querendo esconder a vergonha, deitou o filhinho num tacho de cobre e sacudiu-o dentro da lagoa.

O tacho desceu e subiu logo, trazido por uma Mãe D'água, tremendo de raiva na sua beleza feiticeira. Amaldiçoou a moça que chorava e mergulhou.

As águas foram crescendo, subindo e correndo, numa enchente sem fim, dia e noite, alagando, encharcando, atolando, aumentando sem cessar, cumprindo uma ordem misteriosa. Tomou toda a várzea, passando por cima das carnaubeiras e buritis, dando onda como maré em enchente na lua.

Ficou a lagoa encantada, cheia de luzes e de vozes. Ninguém podia morar na beira porque, a noite inteira, subia do fundo d'água um choro de criança nova, como se chamasse a mãe para amamentar.

Ano vai e ano vem, o choro parou e, vez por outra, aparecia um homem moço, airoso, muito claro, menino de manhã, com barbas ruivas ao meio dia e barbado de branco ao anoitecer.

Muita gente o viu e tem visto. Foge dos homens e procura as mulheres que vão bater roupa. Agarra-as só para abraçar e beijar. Depois, corre e pula na lagoa, desaparecendo.

Nenhuma mulher bate roupa e toma banho sozinha, com medo do Barba Ruiva. Homem de respeito, doutor formado, tem encontrado o filho da Mãe D'água, e perde o uso de razão, horas e horas.

Mas, o Barba Ruiva não ofende a ninguém. Corre sua sina nas águas da lagoa de Paranaguá, perseguindo mulheres e fugindo dos homens.

Um dia desencantará. Se uma mulher atirar na cabeça dele água benta e um rosário indulgenciado. Barba Ruiva é pagão, e deixa de ser encantado sendo cristão.

Mas não nasceu ainda essa mulher valente para desencantar o Barba Ruiva.

Por isso ele cumpre sua sina nas águas claras da Lagoa de Paranaguá.

Fonte dos amores

Onde se estende o Passeio Público, do Rio de Janeiro, refletiam-se ao sol as águas estagnadas da lagoa do Boqueirão, terrenos do Campo da Ajuda, com orla de lama e orquestra de sapos.

Para o alto, na direção do morro de Santa Tereza, erguia-se uma casinha romântica, ao lado de uma palmeira ornamental. Morava aí a linda Suzana, a moça mais bonita e mais pobre dos arredores, com sua velha avó.

Suzana era noiva de Vicente Peres, auxiliar de botânica de Frei Conceição Veloso, apaixonado e ciumento.

Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, décimo-segundo Vice-rei do Brasil, governava.

Veza, por outra, passeando, o futuro Conde de Figueiró encontrava Suzana, parando para admirá-la. E acabou desejando por sua a menina carioca, descuidada e simples, moradora na solidão da lagoa sinistra.

Cheio de planos de reforma, Dom Luiz fazia-se acompanhar pelo seu executor fiel nas construções e sonhos, Valentim da Fonseca e Silva, Mestre Valentim, mestiço, fusco e genial, cujos modelados orgulham a torêutica brasileira.

O Vice-rei e Mestre Valentim, ocultos numa touceira de bambus, espreitavam Suzana, surpreendendo-a em idílio com o enamorado Vicente Peres.

O noivo soubera dos encontros com Dom Luiz, e lamentava a traição ingrata da futura esposa. A menina defendia-se, defendendo o Vice-rei, tão longe e tão próximo.

- Não deve acusar nem desconfiar de mim. Dom Luiz é um coração de ouro, pai dos pobres, justiceiro e valente. Nunca oprimiu nem perseguiu ninguém. Deus o protege porque ele é forte e generoso. Em vez de você pensar que ele está contra a nossa felicidade, deve, bem antes, procurá-lo e pedir-lhe a proteção. Estou convencida de que tudo ficará melhor para nós. Tenha confiança nele como eu tenho...

Dom Luiz, bem contra a sua vontade, enterneceu-se. Jurou mentalmente, que fazia melhor serviço a Deus, protegendo um casalzinho jovem, que conquistando uma mocinha pobre. Sem fazer rumor, sempre com Mestre

Valentim, recuou, ganhou o piso sinuoso da estrada, montou a cavalo e voltou para o Paço, sonhando as compensações que Vicente Peres merecia.

No outro dia mandou-o chamar. Nomeou-o secretário de Frei Veloso, que estava classificando o material brasileiro da “Flora Fluminense”, e mais uma carga na Alfândega; quando terminasse a tarefa.

E, meses depois, acompanhou Suzana e Vicente ao altar, na manhã do casamento, como padrinho e protetor.

A lagoa do Boqueirão foi vencida pelos trabalhos que Mestre Valentim chefiava, sob a palavra animadora do Vice-rei. Sobre o terreno consolidado plantou-se um horto, e dezenas de árvores cobriram de sombra agasalhadoras o que dantes era lodo e cisco. Nasceria, por mais de cem anos, o mais popular e querido dos logradouros do Rio de Janeiro.

Mestre Valentim, sob comando, concebeu e realizou uma fonte monumento, a FONTE DOS AMORES, nome de mistério que a lembrança de Suzana presidia e explicava.

Acostada ao muro do lado do mar, via-se uma cascata. No cimo, alta e esguia, subia uma palmeira de bronze, representando aquela que cobrira a choupana desaparecida. Entre as pedras, irregulares e artísticas, pisavam três garças de bronze, leves, airoso, ignorantes do perigo oculto, materializado em dois grandes jacarés, de caudas entrelaçadas, fauces abertas, de onde caía, em continuidade sonora, as águas límpidas.

As garças eram Suzana, Vicente e a avozinha. Os dois jacarés personalizavam o próprio Vice-rei e seu companheiro, o modelador do fontenário, inaugurado em 1783.

O tempo derrubou a palmeira de bronze, lembrança da tranquilidade primitiva e bucólica. As três garças, memória das vidas doces e confiadas, desapareceram.

Quem for visitar o Passeio Público, e olhar a “Fonte dos Amores”, verá que somente os dois jacarés, símbolo da cobiça astuciosa, resistiram e estão vivendo, mandíbulas abertas, através dos séculos...

A lenda da lara

Deitada sobre a branca areia do igarapé, brincando com os matupiris, que lhe passam sobre o corpo meio oculto pela corrente que se dirige para o igapó, uma linda tapuia canta à sombra dos jauaris, sacudindo os longos e negros cabelos, tão negros como seus grandes olhos.

As flores lilases do mururé formam uma grinalda sobre sua fronde que faz sobressair o sorriso provocador que ondula os lábios finos e rosados.

Canta, cantando o exílio, que os ecos repetem pela floresta, e que, quando chega a noite, ressoam nas águas do gigante dos rios.

Cai a noite, as rosas e os jasmims saem dos cornos dourados e se espalham pelo horizonte, e ela canta e canta sempre; porém o moço tapuio que passa não se anima a procurar a fonte do igarapé.

Ela canta e ele ouve; porém, comovido, foge repetindo: - “É bela, porém é a morte... é a lara”.

Uma vez a piracema arrastou-o para longe, a noite o surpreendeu... o lago é grande, os igarapés se cruzam, ele os segue, ora manejando o apucuitaua com uma mão firme, ora impelindo a montaria, apoiando-se nos troncos das árvores, e assim atravessa a floresta, o igapó e o murizal.

De repente um canto o surpreende, uma cabeça sai fora d'água, seu sorriso e sua beleza o ofuscam, ele a contempla, deixa cair o iacumá, e esquece assim também o tejupar; não presta atenção senão ao bater de seu coração, e engolfado em seus pensamentos, deixa a montaria ir de bubuia, não despertando senão quando sentiu sobre a fonte a brisa fresca do Amazonas.

Despertou muito tarde, a tristeza apoderou-se da sua alegria, o tejupar faz seu martírio, a família é uma opressão, as águas, só as águas, o chamam, só a solidão dos igarapés o encanta.

“Iara hu piciana!” Foi pegado pela lara. Todos os dias, quando a aurora com suas vestes roçagantes percorre o nascente, saudada pelos iapis que cantam nas samaumeiras, encontra sempre uma montaria com a sua vela escura tinta de muruchi, que se dirige para o igarapé, conduzindo o pescador tapuio desejoso de ouvir o canto do aracuã. Para passar o tempo procura o boiadouro de iurará, porém

a sararaca lhe cai da mão e o muirapara se encosta. As horas passam-se entregue aos seus pensares, enquanto a montaria vai de bubuia.

O acarequissaua está branco, porém o aracuã ainda não cantou. A tristeza desaparece; a alegria volta, porque o Sol já se encobre atrás das embauleiras da longínqua margem do Amazonas; é a hora da lara.

Vai remando docemente; a capiuara que sai da canarana o sobressalta; a jaçanã que voa do periantã lhe dá esperanças, que o pirarucu que sobrenada o engana.

De repente um canto o perturba; é a lara que se queixa da frieza do tapuio.

Deixa cair o remo; lara apareceu-lhe encantadora como nunca o esteve.

O coração salta-lhe no peito, porém a recomendação de sua mãe veio-lhe à memória: “Taíra não te deixes seduzir pela lara, foge de seus braços, ela é munusaua”.

O aracuã não cantava mais, e do fundo da floresta saía a risada estrídula do jurutaí.

A noite cobre o espaço, e mais triste do que nunca volta o tapuio em luta com o coração e com os conselhos maternos.

Assim passam-se os dias, já fugindo dos amigos e deixando a pesca em abandono.

Uma vez viram descer uma montaria de bubuia pelo Amazonas, solitária porque o pirassara tinha-se deixado seduzir pelos cantos da lara.

Mais tarde apareceu num matupá um teonguera, tendo nos lábios sinais recentes dos beijos da lara.

Estavam dilacerados pelos dentes das piranhas.

FÁBULAS

O pastor e o leão

Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de várias ovelhas, enfureceu-se, tomou da espingarda e saiu para a floresta.

- Raios me partam se eu não trouxer, vivo ou morto, o miserável ladrão das minhas ovelhas! Hei de campear dia e noite, hei de encontrá-lo, hei de arrancar-lhe os fígados...

E assim, furioso, a resmungar as maiores pragas, consumiu longas horas em inúteis investigações.

Cansado já, lembrou-se de pedir socorro aos céus.

- Valei-me, santo Antônio! Prometo-vos vinte reses se me fizerdes dar de cara com o infame salteador.

Por estranha coincidência, assim que o pastorzinho disse aquilo apareceu diante dele um enorme leão, de dentes arreganhados.

O pastorzinho tremeu dos pés à cabeça; a espingarda caiu-lhe das mãos; e tudo quando pode fazer foi invocar de novo o santo.

- Valei-me, Santo Antônio! Prometi vinte reses se me fizésseis aparecer o ladrão; prometo agora o rebanho inteiro para que o façais desaparecer.

No momento do perigo é que se conhecem os heróis.

O galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixe estar, seu malandro, que já te curo!...” E em voz alta:

- Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobos e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

Muito bem! – exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro, Dona raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

- Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

O sabiá e o urubu

Era à tardinha. Morria o sol no horizonte enquanto as sombras se alongavam na terra. Um sabiá cantava tão lindo que até as laranjeiras pareciam absortas à escuta.

Estorce de inveja o urubu e queixa-se.

- Mal abre o bico este passarinho e o mundo se enleva. Eu, entretanto, sou um espantalho de que todos fogem com repugnância... Se ele chega, tudo se alegra; se eu me aproximo, todos recuam... Ele, dizem, traz felicidade; eu, mau agouro... A natureza foi injusta e cruel para comigo. Mas está em mim corrigir a natureza; mato-o, e desse modo me livro da raiva que seus gorjeios me provocam.

Pensando assim, aproximou-se do sabiá, que ao vê-lo armou as asas para a fuga.

- Não tenha medo, amigo! Venho para mais perto a fim de melhor gozar as delícias do canto. Julga que por ser urubu não dou valor às obras-primas da arte? Vamos lá, cante! Cante ao pé de mim aquela melodia com que há pouco você extasiava a natureza.

O ingênuo sabiá deu crédito àqueles mentirosos grasnos e permitiu que dele se aproximasse o traiçoeiro urubu. Mas este, logo que o pilhou ao alcance, deu-lhe tamanha bicada que o fez cair moribundo.

Arquejante, com os olhos já envidrados, geme o passarinho:

- Que mal fiz eu para merecer tanta ferocidade?

- Que mal fez? É boa! Cantou!... Cantou divinamente bem, como nunca urubu nenhum há de cantar. Ter talento: eis o grande crime!...

A inveja não admite o mérito.

O ratinho, o gato e o galo

Certa manhã um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos.

Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

- Sim senhor, É interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida notou no terreiro um certo animal de pelo que dormia sossegado ao sol. Aproximou-se dele e farejou-o sem receio nenhum.

Nisto aparece um galo, que bate as asas e canta.

O ratinho por um triz não morreu de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mãe as aventuras do passeio.

- Observei muita coisa interessante – disse ele – mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um, de pelo macio e ar bondoso, seduziu-me logo. Devia ser um desses amigos da nossa gente, impedindo-me assim de cumprimentá-lo.

O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentemente, abriu o bico e soltou um co-ri-có-có tamanho que quase cai de costas. Fugi. Fugi com quantas pernas rinha, percebendo que devia ser o famoso gato que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe-rata assustou-se e disse:

- Como te enganas, meu filho! O bicho de pelo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, ou outro, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal nenhum.

As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que:

- Quem vê cara não vê coração.

ANEDOTAS

O médico casado estava tendo um caso com sua enfermeira. Certo dia ela disse a ele que estava grávida. Não querendo que sua esposa soubesse, ele deu uma quantia de dinheiro para a enfermeira e a mandou para a Itália para ter o bebê.

- Mas como vou te avisar quando o bebê nascer?

- Mande um cartão postal e escreva no verso "spaguetti".

Sem ter outra alternativa, a enfermeira pegou o dinheiro e voou para a Itália. Seis meses se passaram e um belo dia a esposa do médico telefonou para ele no consultório.

- Querido, chegou um cartão postal da Europa e eu não consigo entender o significado da mensagem...

- Quando eu chegar em casa, eu explico - disse o médico, já sabendo o teor da carta.

Chegando em casa ele pegou o cartão, leu e caiu duro para trás. No cartão estava escrito: "Spaguetti, spaguetti, spaguetti, spaguetti. Dois com salsichas e almôndegas, dois sem"!!!

O empregado da fazenda de vacas leiteiras estava lavando e limpando o curral quando deparou-se com uma máquina moderna de ordenha. Curioso, ele começou a apalpar a máquina até que ela lhe chupou um dedo. Mentalmente suja, ele logo colocou o bilau na máquina. E a máquina chupava como uma doida. E ele ali, fazendo aquela cara de prazer até atingir o orgasmo. Rapidamente seguiu-se um segundo orgasmo. Na hora que ele foi tirar o pingolin da máquina, este não saía. Puxou e nada. E a máquina chupando. E ele puxava e nada. Desesperado, ele começa a procurar o botão para desligar aquela coisa. E a máquina chupando. Já todo descabelado, ele viu a plaquinha do lado: "DESLIGA-SE AUTOMATICAMENTE AO ATINGIR CINCO LITROS".

O marido chega em casa e é recebido pela mulher, que diz:
- Tenho uma novidade para te contar!

- Conta querida, conta!

E a mulher diz:

- Daqui a seis meses passaremos a ser três aqui em casa!

E o marido comovido, responde:

- Mas isso é ótimo, querida!

E a mulher completa:

- Ótimo? Eu tô achando inacreditável. Nunca pensei que você fosse aceitar que minha mãe viesse morar com a gente...

Enterrado em dívidas, aquele advogado resolve se suicidar. Vai ao meio da rua, joga um litro de gasolina sobre o corpo e quando vai atear fogo, uma mulher o segura pelo braço.

- Não faça isso não seu moço - diz ela, comovida com a dramática situação.

- Se o problema é dinheiro, a gente vai dar um jeito.

Ela pega uma sacolinha e começa a abordar os carros pedindo auxílio. Vinte minutos depois ela volta com a sacolinha quase cheia.

- Quanto você conseguiu? - pergunta o advogado, ansioso.

- Não muita coisa. Uns quinze isqueiros e 6 caixas de fósforos...